

Tombado



Proc. CEC nº 66/86  
Entrada: 09/09/86

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

34010 - 19800  
SEC - 1986

DATA: -1. AGO. 1986

*F*  
~~CONSELHO ESTADUAL DE PROTEÇÃO  
RIO GRANDE DO SUL  
Nº  
DATA~~

REQUERENTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLO

LOCALIDADE: FLORES DA CUNHA

ASSUNTO: SOLICITA O TOMBAMENTO DO PRÉDIO DENOMINADO  
CASARÃO DOS VERONESES, EM OTÁVIO ROCHA, 3º DIST  
DE FLORES DA CUNHA





ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
SUBSECRETARIA DE CULTURA

COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO DO ESTADO - CPHAE

AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 252  
90030 - PORTO ALEGRE - RS

"1836-1986- 150 Anos da Proclamação de República Rio-Grandense".

Memo nº048/86-CPHAE Porto Alegre, 30 de julho de 1986.

Do: Coordenador da CPHAE

A: Subsecretária Adjunta de Cultura

Assunto: Abertura de Processo - Casa dos  
Veroneses - Flores da Cunha.

Solicitamos a abertura de processo sobre a  
"Casa dos Veroneses", localizada em Flores da Cunha, a fim de  
darmos andamento a rotina de tombamento.

Informamos que as petições iniciais surgi-  
ram da própria prefeitura Prefeitura Municipal, através de  
seu secretário Municipal e através do Presidente da Associa-  
ção dos amigos de Otávio Rocha, os quais anexaram histórico  
da casa, xerox de fotos, cartas de localização, entrevistas  
com pessoas da comunidade, artigos de jornais, sobre a histó-  
ria do imigrante Veronese e outros.

Sendo o que tínhamos para o momento, subscre-  
vemo-nos,

Atenciosamente,

*José Albino Volkmann*

Arg. JOSÉ ALBINO VOLKMANN  
CREA Nº 6065 - D  
Coordenador da CPHAE

2255  
SUB/SEC  
RECEBIDO  
EM 8/7/86



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº \_\_\_\_\_  
Fl.                     

Serçón da Comunidade/SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 03 - 19.00 MA

OF. Nº SMT/131-86

Flores da Cunha, 29 de julho de 1986

Prezados Senhores:

A Prefeitura Municipal de Flores da Cunha através da Secretaria Municipal de Turismo tem o prazer de cumprimentá-los e ao mesmo tempo em que solicita o tombamento do prédio denominado "Casarão dos Veroneses" em Otávio Rocha, 3º distrito de Flores da Cunha.

A Associação dos Amigos de Otávio Rocha, decidirão juntamente com a comunidade o que o "casarão dos Veroneses" deverá abrigar. Algumas idéias já surgiram, como a instalação de um museu, de uma pousada ou abrigar a Feira da Colônia, que funcionará durante as festas realizadas em Otávio Rocha.

A Universidade de Caxias do Sul fez estudos referentes ao prédio e os projetos irão em anexo.

Sabedores que somos do empenho que V.Sas. estão dedicando para manter os traços de nossa história e do grande valor cultural que representa para a nossa região, esperamos receber o apoio e compreensão deste núcleo.


Certos de sua atenção agradecemos desde já

Atenciosamente,

Ao

Diretor

Patrimônio Histórico Estadual

  
Assis Ferreira Borges  
Secretário M. Turismo



Proc. 34010/1986  
Fl. 04 - 19.00 MA

CPHAE

# Associação dos Amigos de Otávio Rocha

Registrada Sob o Nome de SOC. BEN. SÃO JOSÉ OPERÁRIO  
CGC: 89 662 589/0001-05 — CNSS/MEC: 35 627/65 e STAS: 198  
OTAVIO ROCHA — FLORES DA CUNHA — RS

Flores da Cunha, 29 de julho de 1986

Ao Ilustríssimo Sr. Diretor  
Departamento do Patrimônio Histórico-Subsecretaria de Cultura  
Porto Alegre - RS.

A Associação dos Amigos de Otávio Rocha, entidade representativa dos moradores de Otávio Rocha, vem a presença de V. Sa. para expor e finalmente requerer o que segue:

- 1) Que o "Casarão dos Veronese" se constitui num dos mais importantes exemplares da arquitetura em pedras da área da colonização italiana do Rio Grande do Sul;
  - 2) Que no "Casarão dos Veronese", Felice e Domenica Veronese sediaram a sua numerosa família, local ainda que serviu como a primeira fábrica de pólvora e foguetes da região;
  - 3) Que a área de Otávio Rocha tem-se destacada com uma série de promoções, a nível estadual, no sentido de preservar as tradições italianas e um local destacado, como o Casarão dos Veronese, veria complementar todo o trabalho;
  - 4) Que esta Associação mantém um coral típico e realiza anualmente a Festa do Colono e esporadicamente a Festa Colonial da Uva, eventos que tem trazido numerosos visitantes, além de Otávio Rocha contar com dois hotéis, com regular movimento
- e, finalmente, considerando o material anexo elaborado dentro do Projeto "Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Nordeste do RGS-ECIRS," solicitamos o tombamento do "Casarão dos Veronese, para posterior recuperação.

*Francisco J. Caldart*

Francisco Caldart,  
Presidente da AACR.



# Associação dos Amigos de Otávio Rocha

Registrada Sob o Nome de SOC. BEN. SÃO JOSÉ OPERÁRIO  
CGC: 89 662 589/0001-05 — CNSS/MEC: 35 627/65 e STAS: 198  
OTAVIO ROCHA — FLORES DA CUNHA — RS

Serviço de ...  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 05 - 19.00 / Ma

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~05~~

FRANCISCO CALDART  
PRES. DA ASS.

Fone: 292.1710

FLORIANO MOLON

Fone: 40.70.96 p.p.

Serv:   
Proc. 34010/86  
-13.00/19  
Fl. 06 Ma

CPHAE  
Proc. nº   
Fl. ~~XXXXXX~~

# HISTÓRIA DE UM IMIGRANTE

Felice Veronese



## A casa de pedra

Nelly Veronese Mascia

Cem anos de construção, a casa de pedra.  
Retrata tudo que os imigrantes passaram,  
Seus utensílios falam de remotos tempos!  
Cada objeto tocado faz reviver uma vida  
Passada entre as agruras e as delícias  
De desbravadores de mata...  
Sopitando no fundo de sua alma,  
Como no velho baú de recordações,  
Toda saudade que haviam deixado  
Do outro lado do oceano!  
Benditos, valentes imigrantes  
Dando sua força, esperança e amor  
À nova terra de adoção!

Em torno "al foccolare" ainda ressoam  
As histórias, as músicas lembradas  
Da terra saudosa e distante!  
Casa de Pedra, tu tens vida  
E transmites a beleza de viver,  
Aqui houve a ternura do amor  
Na lua-de-mel dos recém-casados!  
Aqui nasceram crianças brasileiras,  
Cujo sangue italiano corre em suas veias!

Cada pedra colocada para formar a casa  
É parte das famílias e gerações  
Que por aqui passaram... cada pedra chora...  
Cada pedra conta a saudade  
Da terra em que nasceram  
E a adoção de suas vidas  
À nova terra!

Serviço de Comunicações/SEC  
Proc. n.º 34010/86  
Fl. 07 -19.00 19 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~07~~



Estudo N.º

# História de um Imigrante - Felice Veronese

## I Capítulo

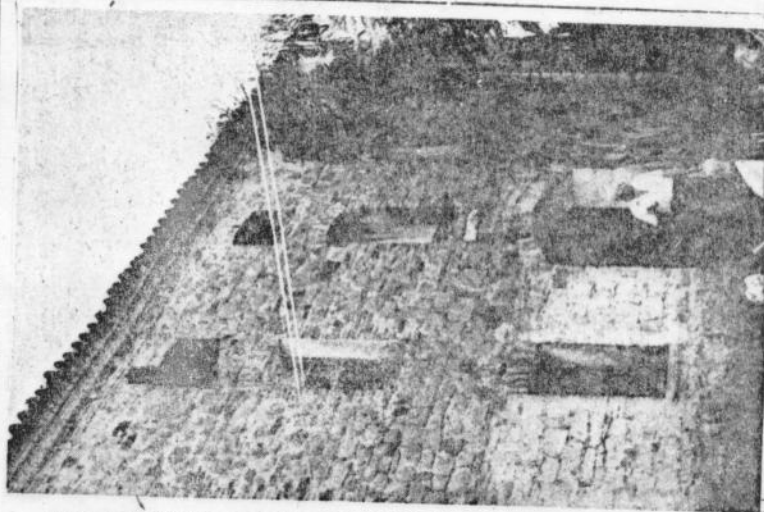
Corria o ano de 1882. Os imigrantes italianos desde 1875 vinham aos Brasil colonizar esta rica terra, que precisava de braços valentes para o trabalho. A convite do saudoso Imperador Pedro II vinham as levas de imigrantes de diversas regiões da Itália, cuja população crescia e se ressentia da falta de terra para o plantio.

Felice Veronese, nascido em Monte Malgre em Schio Vicenza, interessou-se pela aventura e resolveu também fazer parte desta gente valente que vinha para o Brasil "fare L'America". Era ele, valente, decidido, de vontade férrea e firme.

Em de vinte e três anos, ofereceu seus braços veio no enorme navio que de lá partiu e meses viu muitos dias sob o sol nascente e muitas noites no trajeto da travessia marítima. Felice Veronese era filho de Felice Veronese e Caterina Trentim Bernardi e irmão de Francesco, que também veio para o Brasil e casou com Clotilde Trentim, e de Giovanni, que ficou na Itália juntamente com duas irmãs Maria e Assunta.

Ao chegar em terras brasileiras ficou estabelecido no travessão Marcolino Moura, hoje 3º distrito de Flores da Cunha, onde lhe foram franqueados alguns hectares de terra. Enquanto

abrisse uma clareira na mata virgem para plantações e construção de seu rancho, hospedou-se no do seu vizinho, Caetano Ruaro, aí radicado pouco tempo antes. O seu rancho não tardou a ser levantado com madeira tosca amarrada com cipós e cobria com tabuinhas de pinho. Necessitando de pregos para fixá-las, veio a Caxias, distante 18 km, constituindo o caminho de uma estreita picada aberta na mata virgem e batida pelo casco da montaria, único meio de transporte então aqui existente.



Chegando na loja, consultou o negociante se podia fiar-lhe um pacote de pregos, pois não dispunha de duzentos réis para pagá-lo no momento. O negociante, após confabular com sua mulher que o ajudava no balcão, responde que não era possível, porquanto ela era solteira, não inspirava confiança, estando sujeito a mudar de residência sem resgatar a dívida de duzentos réis. Assim pôde somente concluir o rancho depois de conseguir o dinheiro. No tocante à alimentação, poucos alimentos havia à venda, principalmente temperos, tanto que se valiam os primeiros imigrantes de uma erva de efeito acidulante para temperar a comida, em substituição ao vinagre.

Construído o rancho e feito o plantio de uma pequena roça, pensou em casar-se com uma moça de família, há pouco vinda da mesma província, donde ele procedia.

Chegada ao Brasil da viúva Rosa Sella e família. Com a notícia da grande extensão de terras que dariam no Brasil aos imigrantes, a valente viúva Rosa Sella, acompanhada de seus filhos Giacomo (nome do pai) Piero, Luiz, Luiza, Doménico e Doménica, embarcou. O Imperador Pedro II quis conhecer a corajosa viúva que vinha com os filhos, atravessando o mar, para vir a um continente desconhecido. Era um arrojo em pleno século XIX.

Minha avó Doménica contava que beijou a mão de Pedro II e disso muito se orgulhava e dizia que o imperador era bondoso, sorridente, e incentivava os pobres imigrantes em palavras de amor e coragem, falando o idioma italiano.

Os imigrantes receberam sementes e utensílios de lavoura e, felizes e corajosos, partiram para a Terra da Promissão: Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul.

Rosa Shabbo Sella era de uma fibra a toda prova; nada a amedrontava e o trabalho era-lhe lenitivo para a saudade que curtia do esposo e da terra natal. Giacomo e Piero, quando cresceram, foram para Guaporé; Doménico, Doménica, Luiz e Luiza ficaram junto à mãe no Travessão José Bonifácio, na 6ª Légua, desde a chegada no dia 15 de janeiro de 1883 (lote nº 27). Distava da colônia de Felice Veronese. Custou a gleba de terra 180 mil réis de 10 alqueires (242.000 m²).

Felice, desde que vira a bela donzela Doménica, dela se enamorava e resolveu ir a cavalo visitá-la. O namoro foi curto; foi três vezes visitá-la pois a distância a cavalo era de um dia e uma

noite. Certa noite, dormiu sob a fronde de uma árvore, quando teve que afrontar uma fera, talvez uma onça pintada e com o facão matou-a, demonstrando sua valentia de italiano forte.

No ano de 1885, casou-se Felice com Doménica na igreja de Caxias. Numa bela manhã primavera, chegou o cortejo da noiva, todos a cavalo, amarrando seus animais no varal para este fim em frente à igreja tosca de madeira. Os convidados eram muitos e reinava muita alegria ver o lindo casal subir a escadaria de madeira. Houve uma grande festa, que durou o dia todos, com um banquete na casa da família Sella, e os festejos foram noite a dentro.

Felice, agora com sua ideal companheira, auxiliado e animado por ela, conseguiu mudas de parreiras e aumentou seu parreiral, tornando-se o maior produtor de vinhos da região, ampliou sua produção e tratou de construir uma casa, "para sempre", de pedras, estilo das construções da Idade Média, lembrando sua terra natal, com sólidas, passando a dispor de uma moradia mais confortável, como de um local mais próprio para a fabricação e estocamento do vinho com o auxílio de alguns conhecimentos e livros trazidos da Itália. Tratava já o vinho com drogas químicas corretivas, regulando a fermentação do mosto e dotando-o de um bom paleadar e boa conservação, tanto que o seu vinho se tornou logo o mais procurado pela sua boa qualidade, principalmente pelos negociantes que já faziam comércio para P. Alegre e posteriormente para o Rio de Janeiro e São Paulo. Era o maior produtor de grapa e álcool da região. O irmão de Doménica Piero Sella, ajudando arquitetura na igreja de Caxias, resolveu ir para São Paulo, cursou Arquitetura e tornou-se célebre mestre. Giacomo o seguiu e também formou-se em Arquitetura.

Proc. 34010 - 13.00 / 1986

CPHAE - FL. 09 -

06/86

# História de um Imigrante - Felice Veronese

II capítulo

Nelly Veronese Mascia

Em 25 de abril de 1886 nasceu Luis, primogênito do novel casal, que seria um luminar na química, apenas com seu autoditismo, cuja vida tão rica de perseverança e audácia já passaremos a contar.

Seguiram-se os irmãos Henrique, Luisa, Albino, Ida, Elisa, Attilio, Maria, Rosina e Ernesto.

Felice Veronese dedicou-se especialmente às parreiras e industrialização, tratou de aproveitar o bagoço da uva, destilando-o num alambique trazido por um parente da Itália.

Em virtude da família ter aumentado, resolveu o nosso capacitado imigrante aumentar a casa com o auxílio dos filhos. Era uma casa mais espaçosa, onde a cantina pegava toda a parte de pedra e de material; uma nova e confortável com um amplo aposento para cada filho, pensando que nela ficariam quando casassem e constituíssem família.

Felice montou uma pequena olaria para a fabricação dos tijolos e telhas e, necessitando abrir uma pedreira para as pedras que constituiriam os alicerces da vivenda, seu filho Luis, que então contava quinze anos, valendo-se de um velho manual que dava a fórmula para a fabricação da pólvora, conseguiu fabricá-la, facilitando assim por meio de minas a fragmentação da pedreira.

Nessa altura tiveram realização as interessantes passagens da vida de Luis Veronese que, com o auxílio de Albino, fabricou foguetes e fogos de artifício, como iniciantes deste novo invento.

Meu avô Felice era muito energético e patriarcal e não permitia desobediência dos filhos. Um dia, na mesa em plena refeição, Luis quis falar, porém isto era proibido, depois da oração, abençoando a cor'da.

— Olhe só... pap. Olhe lá o que está acontecendo!



— Na mesa não se fala, Luigi, come e cala, admoestou meu avô no seu idioma pátrio, com toda a austeridade.

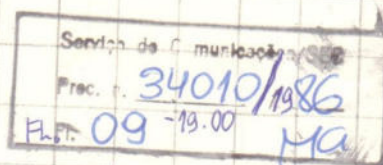
— É que... retornou Luis, tentando dizer alguma coisa, sob os olhares estupefatos dos irmãos, pois Luis se atrevia a retrucar.

— Já te disse, ragazzo, come e fica e silêncio até terminarmos a refeição, falou peremptoriamente meu avô Felice, muito austero.

Terminada a refeição, meu avô disse ao filho.

— Agora fala, Luigi, o que tinhas para me dizer, com tanta pressa que não podias esperar que terminássemos a refeição e que agradecemos a Deus.

— Agora não adianta mais, papai, é que a ternelra escapou do curral e entrou na lavoura e estragou o milharal. Agora é tarde! Ela já esca-



CPHAE

# História de um Imigrante - Felice Veronese

## III Capítulo

Com dez contos de réis, auxiliado por seu tio Luis Sella, Luis Veronese funda a firma de produtos químicos. Seu desejo ardente se realizou e partiu para Caxias, Luis Sella, tio e para irmão de Luis Veronese, conhecendo o desejo ardente de seu afilhado e sabedor de sua inteligência e capacidade, concretiza o ideal de Luis Veronese e financia, entrando como sócio na firma de produtos químicos em Caxias do Sul. A fabricação de produtos químicos juntou-se a fabricação de fogos de artifício e foguetes e montou-se a fábrica num terreno adquirido em 1911, à rua Vereador Mário Pezzi nº 318, com o nome de Luis Veronese e Cia., onde foi feito um barracão, para aí instalar a nova indústria, única na América Latina.

Empreendeu o gênio da química uma viagem à Itália, adquiriu alguns maquinários e material para laboratório indispensáveis, bem como modernos Tratados de Química para estudos.

Ao retorno do Velho Mundo, trouxe novos conhecimentos a par do material adquirido.

Pôde deste modo dar início à fabricação de cremor de tártaro, ácido tartárico e outros produtos, venceu várias e sérias dificuldades técnicas e também problemas de ordem comercial,

dado o pouco consumo no mercado nacional.

Registrou-se como químico industrial e, mais tarde, conseguiu o registro para seus irmãos Atílio e Henrique. Em 1915, juntamente com Benvenuto Ronca e Adelino Sassi, fundou em Caxias nova indústria destinada a extrair da madeira, então abundante, ácido acético, álcool metílico e alcatrão.

Em 1918, por decreto do Governador do Estado, foi criado em Caxias o Laboratório Químico de Análise para controle de bebidas e produtos alimentícios, nomeando Luis Veronese para seu primeiro diretor. Esta nomeação foi assinada por Protásio Alves. Em 1920, Luis Veronese solicitou a demissão em favor de seu irmão Henrique.

No mesmo ano de 1918, Felice Veronese, reconhecendo a verdadeira vocação de seu filho para a química e qualidades empreendedoras, concedeu em dar seu apoio financeiro, quando Luis Sella se retirou da sociedade. Entraram assim para a firma o pai e seus irmãos Henrique, Atílio e Ernesto, pois Albino, tendo casado com Glória Spilari em 1917, já morava em Santa Maria e mais tarde foi para Três de Maio, em Santa Rosa, onde faziam parte da história da cidade, ele, juiz de Direito e ela, professora. Em 1917, Luis Veronese casa com

tada cidade dos saborosos vinhos, boa uva e melhor clima terra de fartura e de beleza, também no ano de 1912.

Antonietta, moça bonita, formosa, trazendo nos olhos dois pedaços do céu italiano, como disse o poeta Barros Cassal, fez de Caxias sua terra e aqui, juntamente com o intendente José Pena de Moraes e o vigário João Meneguzzi, eram as três pessoas importantes da cidade. Em 1915, conhece o grande industrial Luis Veronese, amam-se e casam-se em 26 de maio de 1917, dia de Nossa Senhora do Caravágio.

A firma ia em progresso, porém com a Grande Guerra de 1914-18 teve uma grande queda e foi entrando em dificuldades que Luis conseguiu vencer com luta. Em 1919, falece Felice Veronese, depois de uma vida dinâmica e ativa, com 63 anos de idade, deixando aos filhos um farto cabedal de retidão de caráter.

(O nome de Antonietta Agostinelli é lembrado por quatro gerações que lecionam e é nome de rua no bairro Rio Branco)

Antonietta lecionava e à noite fazia o trabalho de escritório, pois a firma passava por momentos difíceis, tendo que demitir os operários, sendo que os próprios sócios faziam o pesado trabalho dos operários. A firma chegou a ir à hasta pública, porém Antonietta con-

seguiu, com seu compadre Luis Pizzamiglio, que havia sido contador do escritório da firma, a quantia necessária para retirar a da hasta pública. Assim os Bancos abriram suas portas e puderam levantar a empresa na sua precária situação. No dia seguinte, veio um comprador de São Paulo para adquiri-la, porém, graças ao tino de Antonietta, já estava devolvida aos legítimos sócios.

Conseguiram com o trabalho de todos e a visão de Antonietta demonstrar e mais uma vez provar que a união faz a força e, como Luis foi sempre de uma honestidade e operosidade a toda prova, gozava de ótimo conceito na sociedade, pois ele se fizera pelo seu esforço denodo e perseverança, sabendo salvar a empresa do abalo econômico.

Os operários eram tão amigos que propuseram trabalhar sem pagamento, e o velho Alfonso, primeiro operário, foi fiel até a morte, carregando sacos de matéria-prima. Os colonos, vinham vender os sacos de borra, trazendo-os em suas mulas das colônias, para fazer o cremor de tártaro, e ficavam para almoçar, e minha mãe preparava grandes mesas.

Os operários sabiam valorizar o seu Diretor, porque eram um homem bom, simples, sem separação de raça e credo, era invulgar de inteligência, com a mente preclara, voltada para a

caridade, com grande fé e força de caráter.

Fundador da Casa da Criança, deu seu amor com espírito desprendido junto com os seus amigos de crenças, como Dr. Ramos. Durante a Grande Guerra grassava a gripe espanhola, e Luis, já com os nervos abalados, sofreu os efeitos da espanhola.

Quando se refez, já com dois filhos Cláudio e Nelly, procurou ampliar a firma, mudando a caldeira e fazendo pipas enormes para a preparação dos produtos químicos

O falecimento de Luis Veronese, a dois de maio de 1952, foi uma perda muito grande para a firma e para a família, deixando uma enorme lacuna o "Comissário de Caxias do Sul", como disse a da Rádio Caxias.

Cláudio, o primogênito, seguiu a vocação do pai. Formado em São Paulo, no Colégio Makenzie, em Engenharia Química, trabalhou nessa cidade, e na firma Veronese e casou com Joilde Alexandre, ótima esposa.

Nelly seguiu a carreira da mãe, formou-se professora e por trinta anos deu seu labor à comunidade. Sua mãe trabalhou 43 anos pelo Magistério Público Estadual em prol da cultura caxiense, com amor! Roberto Felix formou-se Arquiteto e Mário José, Oficial do Exército. (Nelly Veronese da Macia)



Antonietta Agostinelli, que veio de Luca, Toscana, com oito anos de idade e com seus pais Roberto e Anuncia Agostinelli e seu irmão José Agostinelli estabeleceram residência em Porto Alegre. Roberto Agostinelli e seu irmão Gabriel se estabeleceram com casa de negócios (comércio - Loja dos Dois Irmãos - na Rua da Praia (Andradas).

Estudava Antonietta Agostinelli no Colégio Cecilia Corseuil e mais tarde formou-se professora na Escola Complementar de Porto Alegre, hoje Instituto de Educação Flores da Cunha, em 1911. Foi nomeada para Caxias pelo saudoso mestre Dr. Clemente Pinto, Secretário de Educação - pois se fundava em Caxias o primeiro Colégio Estadual José Bonifácio - ganhando a quantia de 150 mil réis. Antonietta logo aceitou, porque queria conhecer a tão decan-

Proc. n.º 34010/1956  
R:10 - 13-00  
Mac

CPHAE  
Proc. n.º  
Fl.

pou e fez os estragos na lavoura, respondeu Luis, muito confuso!

Meu avô nem podia chamar-lhe a atenção, pois não o deixara falar. Ninguém podia deixar a comida sobrar no prato, devia comer tudo e limpar o prato.

Minha avó fazia todas as tarefas junto com os filhos mais velhos. Fazia um pão "feito em casa" que dava água na boca, com a farinha moída no moinho próprio. Fazia queijo e cuidava da plantação de verdura, da horta, dos animais, aves, porcos e tirava o leite das vacas e fazia o serviço doméstico. Era uma mulher valente e de larga visão; econômica, viveu quase cem anos. Sempre dizia: "É preciso", e fazia. Amava a todos, porém, via que Luis era um predestinado, um gênio de invulgar inteligência e lhe dava especial atenção.

O fogo de chão era de tijolos com um "calor" ou "pinhata" presa numa corrente no alto do calibro da cozinha, onde se cozinhava a batata doce, pinhão ou se fazia a polenta para quando os rapazes voltavam da roça, famintos pelo trabalho, despendidas as energias. Os rapazes roçavam e cuidavam da vinha e árvores frutíferas.

Luis e Albino, quando tinham tempo, iam trabalhar nos foguetes que eram encomendados para as festas de igreja ou casamento da religião.

Elisa e Rosina costuravam a roupa dos rapazes à luz do lampião. Ida faleceu com dois anos, afogada numa poça d'água. Maria faleceu aos seis meses. Luisa cuidava dos afazeres domésticos.

Luis se interessava em produzir pólvora para caça e com livros de pirotécnica tinha curiosidade de estudar as respectivas composições e quais as proporções das matérias de que se

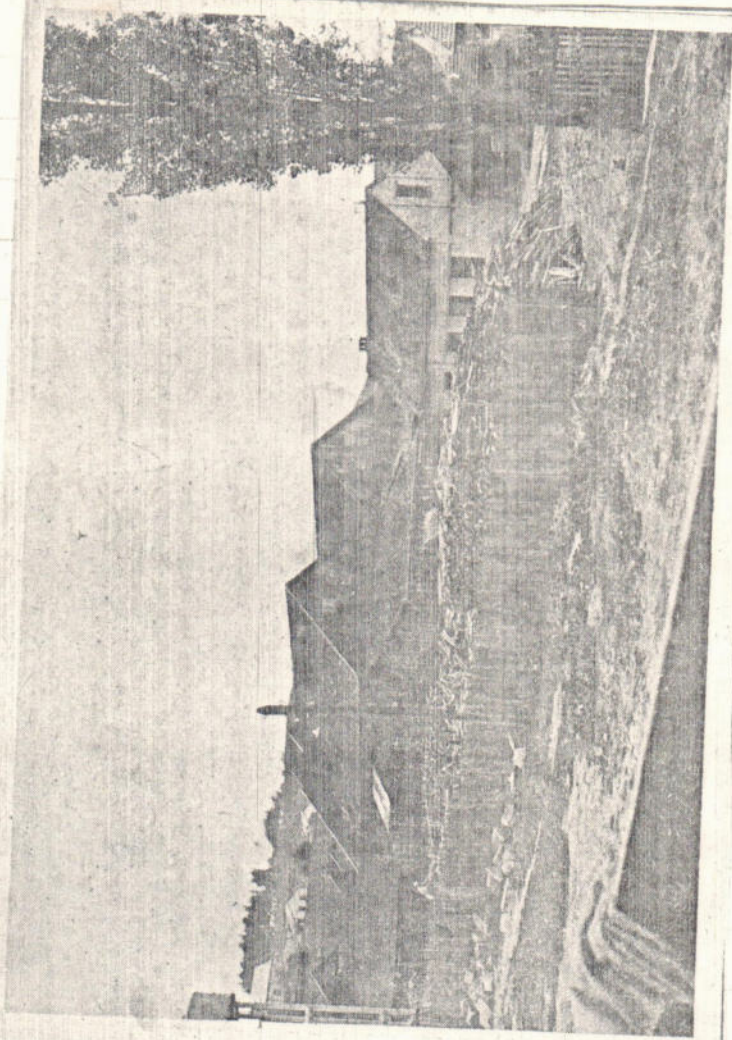
compunham e como eram fabricadas, seguindo os ensinamentos dos livros, fazendo experiências, dedicando-se assim à química analítica; ele, um guri que havia frequentado a escola da colônia, era desde tenra idade um espírito que tudo queria saber, e o professor se incomodava

e irritava, pois certas perguntas não alcançava responder; principalmente o pároco que o preparava para a comunhão, com as perguntas difíceis de Luis, ele só sabia dizer:

— Porque não ficas quieto como Henrique e prestas atenção? Teu irmão sim é um bom menino que não pergunta e escuta! Sê tu também um menino acomodado!

Luis observava que a matéria tartárica, oriunda do vinho, sarro que ficava ao redor das pipas, vinha sendo desperdiçada. Viu a possibilidade de aproveitar esta matéria para a fabricação da Cremor de Tártaro e Ácido Tartárico, instalando um pequeno laboratório e valendo-se de utensílios rudimentares, apesar das admoestações do pai que muito duvidava do êxito desse empreendimento, porquanto se tratava de um ramo complicado, que necessitava de muito estudo, requerendo muitos conhecimentos e meio favorável.

Luis, entretanto, persistia; era um espírito perscrutador e minucioso, era uma idéia que queria levar adiante, a despeito das dificuldades técnicas e financeiras, pois o pai se mantinha irredutível no seu ponto de vista: não estava inclinado a fornecer-lhe os recursos necessários, uma vez que antevia um completo fracasso da empresa que o filho se propunha realizar. Um dia, na roça Luis foi picado por uma formiga e, irritado, disse-me: "Eu não nasci para esta vida, quero ser químico!"



CPHAE

Proc. nº

Fl. ~~11~~

Serviço de Comunicações / S.C.

Proc. nº 34010/1986

Fl. 11 - 19.00 MA

Serviço de Cum. e c.ªs/SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 12 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. \_\_\_\_\_



**Pioneiro FELICE VERONESE** que deixou registrada uma das mais fascinantes histórias dos colonizadores italianos.

Servic: ~~Publica~~ SE:  
Proc: 34010/1986  
Fl: 13 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. nº \_\_\_\_\_  
Fl. ~~13~~



DOMÈNICA SELLA VERONESE

Proc. n. ~~34010-19.00~~  
~~14~~ Ma

CPHAE  
Proc. n° 34010-19.00/1986  
FL: 14 ~~14~~



LUIZ VERONESE

n. ~~###~~ MA

CPHAE

Proc. n° 34010-19.00/1986

FL. 15 ~~###~~



ANTONIETA AGOSTINELLI VERONESE

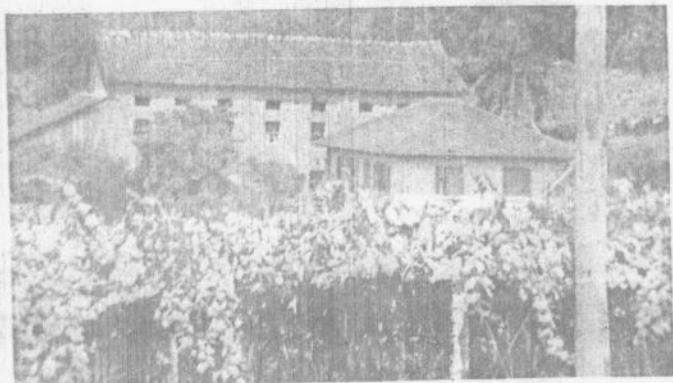
## Casarões - relíquias da imigração itálica

No momento em que vivemos a antevéspera do grande ano do centenário da Imigração, nos permitimos ingressar mais uma vez pelo interior das colônias, aonde mais do que em qualquer outro lugar, ainda se encontra marcada a presença dos pioneiros de cem anos passados. Na realidade, o encontro com velhos sobradões, moinhos d'água, capelas, oratórios, palmeiras, cemitérios, espalhados ainda em nossa região, deixa no cidadão um eco pungente de nostalgia, de saudade de uma vida perdida no tempo. São poucos os que podem se considerar autenticamente homens da cidade. O êxodo rural que levou muitos de nós em busca da vida urbana, a própria origem da metrópole como aldeia colonial, nos deixou em cada um de nós, uma marca, um encontro por mais longínquo e insignificante que seja, com a civilização colonial, se assim a pudéssemos chamar. E a constante e atual fuga do centro das cidades para os arredores onde as chácaras e as belas vivendas vão surgindo em meio a bosques, nada mais são do que tentativas em busca de uma coisa que mesmo perdida, tenta-se recuperar: a vida longe da poluição, do barulho, a vida junto a natureza é ao ar livre.

### NA ENCRUZILHADA, O CASARÃO

Em Otávio Rocha, a aproximadamente 2 Km da sede distrital, no entroncamento dos caminhos que conduzem à Caxias pela Linha 60 ou Santa Justina, destaca-se na paisagem um velho casarão. Enegrecido pelo tempo, desbotado, carcomido pelas intempéries dos anos vividos, oferece ainda hoje um cenário de rústica beleza colonial.

Em uma região, onde predominou durante dezenas de anos, as construções de grandes resi-



dências em madeira, a presença de uma construção em alvenaria e de grandes dimensões, nos chama logo a atenção e nos desperta uma pergunta em busca de seu passado. Sua história perde-se no tempo. Em fins do século XIX, foi construído pela família Veronese, para servir de residência, cantina de vinhos e na parte superior como pequena fábrica caseira. Daí são originários os primeiros foguetes feitos na região com o aproveitamento de pólvora fabricada, na época, em Otávio Rocha.

Posteriormente, os Veronese venderam a sua propriedade para a família Schio, e que por sua vez, a transferiu para Sétimo Galiotto.

O velho casarão colonial é espetacular e as fotografias dizem bem mais que as palavras. Construído em pedras de formatos irregulares, assentadas com terra, areia e cal, tem ainda na parte superior das janelas em forma de arco, tijolos feitos em terra dos nossos antepassados.

Sem dúvida, um monumento vivo de um passado grandioso. Um autêntico edifício em meio a parreirais em terras Otavio-rochenses. Uma preciosidade que o tempo não pode destruir.

Parece-nos à primeira vista não existir em toda a região, construção de tamanhas dimensões. Em seu interior, a lareira onde três famílias numerosas cozinham durante longo tempo seus alimentos ainda é conservada. A panela da polenta, era suspensa por uma corrente por sobre o fogo.

Hoje o velho casarão foi transformado em depósito de materiais agrícolas e cereais. Ao seu lado, os seus proprietários construíram moderna residência, dentro de todas as características de nossa época e com todas as comodidades de nosso tempo. Inclusive o agricultor de hoje, não dispensa o seu automóvel Chevrolet Opala, complemento quase que normal para os homens da colônia, bem sucedidos. Duas épocas claras estão hoje num mesmo cenário.

O velho casarão, no momento, em que nos aproximamos do Centenário da colonização, é do nosso entender, deveria ser tomado como patrimônio histórico ou pelo menos deveria figurar num calendário de atrações turísticas históricas de nossa terra.

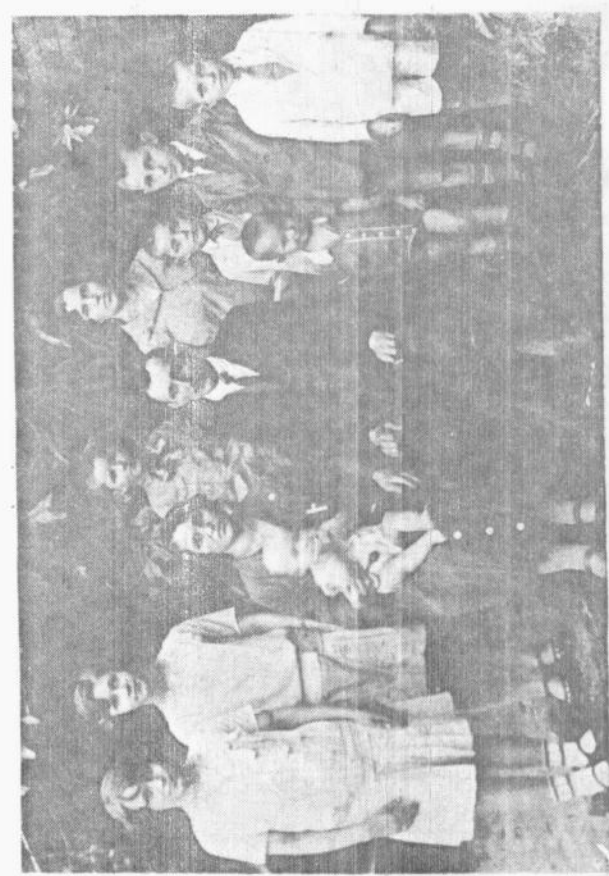
Eis pois, uma relíquia que o passado nos deixou. Não a podemos nunca esquecer.

Proc. - 34010/1986  
FL 17 - 19.00 MA

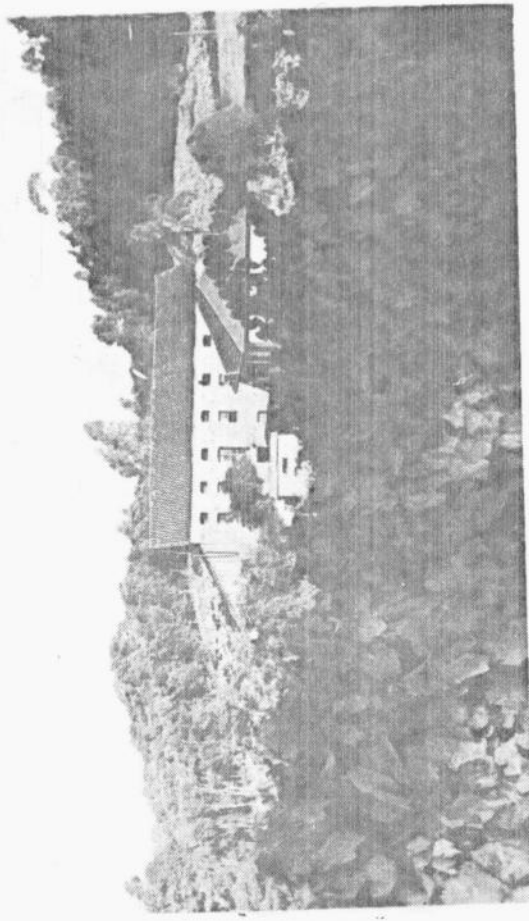
Veronese



Professora Antonieta Agostinelli Veronese, esposa de Luiz Veronese.



1911 - A Antônia Veronese com Maria Bellini, um dos fundadores do Município

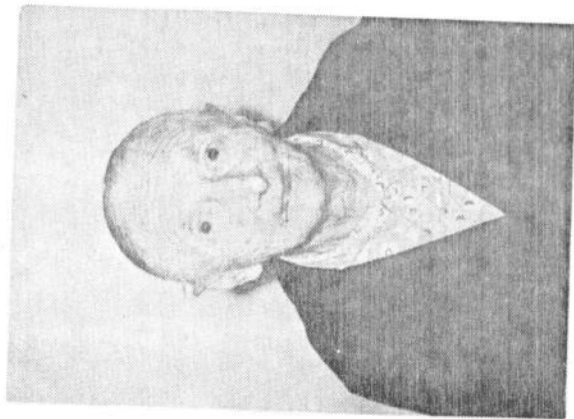


Casarão dos Veronese. Construído em fins do século passado. O casarão tem muitas histórias para contar. Serviu como fábrica de pólvora e foguete, salão de baile, residência e cantina de vinhos. Ainda hoje é um marco na paisagem em terras da família Galiotto.



LUIZ VERONESE

1911 - VERONICE B. CYA fin.



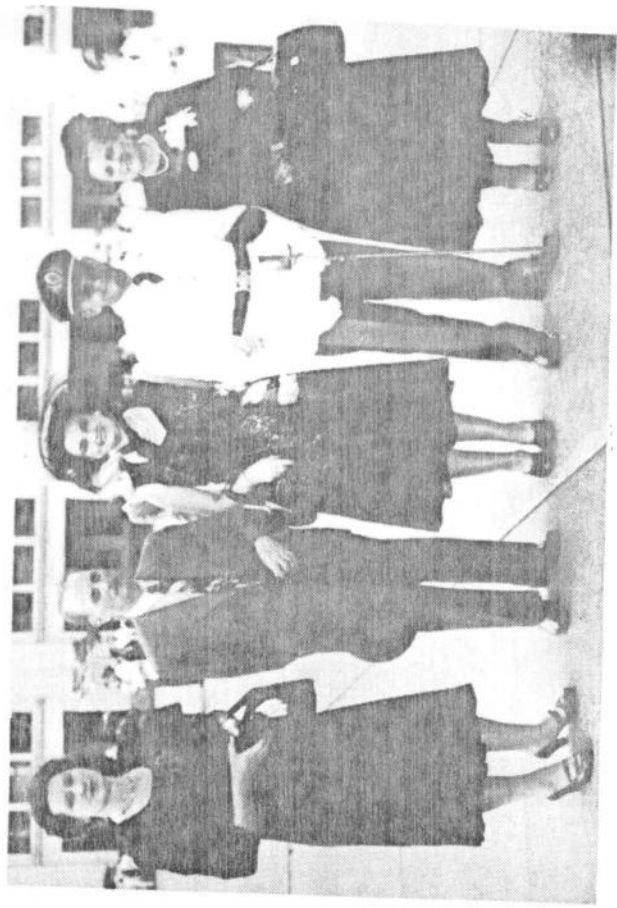
**Dona ROSINA VERONESE BUSATTO**, única filha viva do pioneiro FELICE VERONESE e que reside em Caxias do Sul.



**VERONESE & CIA**, foi uma firma de marcante presença nas diversas exposições realizadas em Caxias do Sul. Aqui um aspecto da sua participação em 1936, com uma mostra dos seus múltiplos produtos.



**Engenheiro Luiz Santiago Veronese Mascia**, cumprimenta o Presidente Costa e Silva, na Festa da Uva de 1970 em caxias do Sul no "stand" da firma Veronese.



Na academia Militar de Agulhas Negras. Da esquerda: Clotilde Costi e Henrique Veronese; Nelly e Mário José Veronese e Antonietta Agostinelli Veronese.

Felize e Romilda tiveram os seguintes filhos:

- (1) - Inês casou com José Muterlle.
  - (2) - José casou com Elisa Veronese.
  - (3) - Aurélia casou com Tranquilo Panisson.
  - (4) - Francisco casou com Carmelina Bombardelli.
  - (5) - César casou com Albina Tondo, e uma vez viúvo casou com Clarinda De Martini.
  - (6) - Clorinda casou com Marcelo Bombardelli.
  - (7) - Ângela casou com Olderico Molon e em segundas núpcias com tate Piána.
  - (8) - Sabina casou com Arcângelo Bombardelli.
  - (9) - Benedito casou com Graciema Molon.
  - (10) - Ercília casou com João Frana.
  - (11) - Felicitá casou com Tranquilo Benini.
  - (12) - Maria casou com Avefino Massarotto.
  - (13) - Davica Gentila casou com Cristiano Macarini.
- José (2) teve três filhos: Feliz, Ilda e Rolindo.  
Francisco (4) teve 7 filhos: Alvaro, Laurindo, Geni, Glória...  
César (5) teve 7 filhos também: Orlando, Ana, Aorélia, Davidica, Anselmo, Lídia e Claonido.

Serviço de Comunicação/SEC  
 34010/1986  
 18 - 19.00 MA

CPHAE  
 Proc. 34010  
 Cons. 18  
 - FL: 18 -

ara

# Casarão histórico ameaça desabar em Otávio Rocha

FL: 19

Proc. nº 34010-19,00/1986

CPHAE



Merg: mais de 700 processos para estudar

bro de  
juiz, as  
foram  
ora em  
s tribu-  
lery diz  
a situa-  
que a  
la mul-  
não ha-  
lo júri  
arcaria  
ordiná-  
. Como  
ão será  
depois  
o julga-  
sos, de-  
de dos  
penha-

va suas funções em São Sebastião do Caí, ressalta que "dos processos que manuseei até agora não encontrei nenhum de julgamento pelo júri, mas eles existem e serão analisados também".

Indagado a respeito dos problemas judiciários com a falta de juízes em certas varas do Estado, o titular da Primeira Vara de Vacaria afirma que está há três anos na magistratura e que por isso não tem experiência suficiente para apontar as razões dos problemas judiciários. Mas destaca que "a impressão mais saliente que eu tive é que falta dinheiro ao Judiciário, a exemplo do que acontece em quase todos os setores da Nação".

O chamado Casarão dos Veronese, de propriedade da família Galiotto, no distrito de Otávio Rocha, está ameaçando desabar. Construído com pedra como material básico, em forma de taipa, a velha casa em muitos lugares está cedendo e o telhado, com seu madeirame podre, coloca em risco uma das mais expressivas obras deixadas pelos imigrantes italianos. O Casarão dos Veronese, pelas suas dimensões e pelo seu valor histórico, está a exigir uma pronta atitude dos proprietários da comunidade e da Prefeitura de Flores da Cunha, visando a preservar aquele que é considerado um dos mais belos exemplares arquitetônicos do início da colonização.

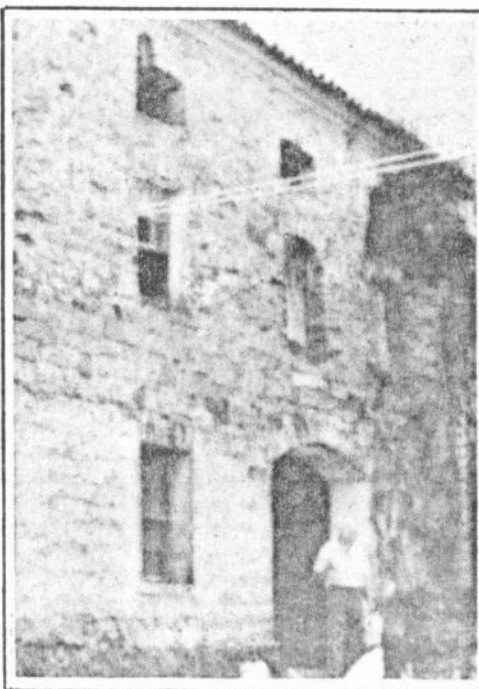
O casarão foi construído por Felice Veronese, no lote nº 8 do Travessão Marcolino Moura, 10ª Léguas da Colônia Caxias. Sua construção data de 1898, quando Felice, casado com Domênica Sella, resolveu construir uma casa "para sempre" de pedras, estilo das construções da Idade Média, lembrando sua terra natal. Ali Felice e Domênica sediaram a sua numerosa família, servindo ainda a casa, além de residência propriamente dita, como cantina de vinhos, fábrica de pólvora e foguetes e salão de bailes.

O Casarão dos Veronese além do seu aspecto histórico, tem despertado a atenção daqueles que se preocupam pela preservação das coisas que dizem respeito à colonização da serra. Fotografia do casarão serviu como capa para o livro "Os Italianos do Rio Grande do Sul" editado pela EST/UCS em 1979. Nelly Veronese Mascia (descendente da família Veronese), em "A Casa de Pedra" relembra e retrata os primeiros tempos dos imigrantes. No livro "Otávio Rocha, cem anos de vida colonial" EST/1982, de Floriano Molon, há um capítulo sobre a história da família Veronese e um destaque especial sobre a casa de pedra. No livro do arquiteto Júlio Posenatto - "Arquitetura da Imigração Italiana no RS" - a casa dos Veronese é várias vezes enfocada.

Não há ainda uma definição do destino do velho casarão. A família proprietária se mostra de acordo com a restauração do prédio, porém, diante das dimensões do mesmo, alega não possuir recursos para tal empreendimento. Parece, em princípio, que há uma necessidade urgente de realizar alguma obra, evitando o desmoronamento das taipas de pedra e substituindo o madeirame que sustenta o telhado. "Posteriormente, com o apoio da Universidade de Caxias do Sul e da Prefeitura de Flores da Cunha, poderia haver uma restauração completa do imóvel, destinando-se o mesmo a um fim social, como pousada, restaurante ou centro de promoções ligadas à imigração", sugere Floriano Molon, morador de Otávio Rocha.

Em breve deverá a Associação dos Amigos de Otávio Rocha sondar os órgãos ligados ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no sentido de tombar o "Casarão dos Veronese" preservando para as gerações futuras um dos mais ricos exemplares da arquitetura em pedras do Rio Grande do Sul. "Mas para que tanto aconteça, há necessidade urgente de que seja evitado o desabamento, resguardando para mais alguns anos a velha casa, até que seja possível uma restauração completa, e dando uma destinação nobre à velha relíquia da imigração italiana".

## o em nossas



Casarão dos Veronese: construção de 1898

Serviço de Contabilidade SEC  
Fls. nº 34010,86  
n.º 19 Ma

Ser.:   
 Proc.: 34010/1986  
 -19.00  
 Fl.: 20  
 Ma

CPHAE  
 Proc. nº \_\_\_\_\_  
 Fl. ~~1986~~

**PRAÇA REGIONAL DA UVA**

O destaque da programação é a inauguração da "Praça Regional da Uva". A vila de Otávio Rocha localiza-se na parte central da área da cultura vitivinícola do Rio Grande do Sul. Os municípios-maiores produtores de uvas do País, que a circundam, serão alvo de uma homenagem especial. A praça, denominada de "PRAÇA REGIONAL DA UVA", receberá um pé de parreira oriundo de cada município da região (Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, Veranópolis, Antônio Prado, São Marcos e Flores da Cunha, seu município sede). A estrada que liga Otávio Rocha à cidade de Flores da Cunha é denominada de "Estrada da Vinuva". As ruas da vila têm os nomes de variedades de uvas. Isso se justifica, pois Otávio Rocha é responsável pela produção de aproximadamente 20.000 toneladas de uvas anuais.



**UM ENCONTRO COM A COLÔNIA**

De 25 a 27 de julho de 1980, você tem um encontro marcado com a colônia. Otávio Rocha, situada no interior de Flores da Cunha, a 7 km do asfalto da RS que liga esta cidade a Caxias do Sul, prepara uma grande festa para homenagear o homem que trabalha a terra. É a VIII FESTA DO COLONO. A programação visa especialmente ao entretenimento, ao encontro festivo de amigos e ao renovar das tradições italianas trazidas pelos pioneiros de 1882.

**VINHOS MOLON**

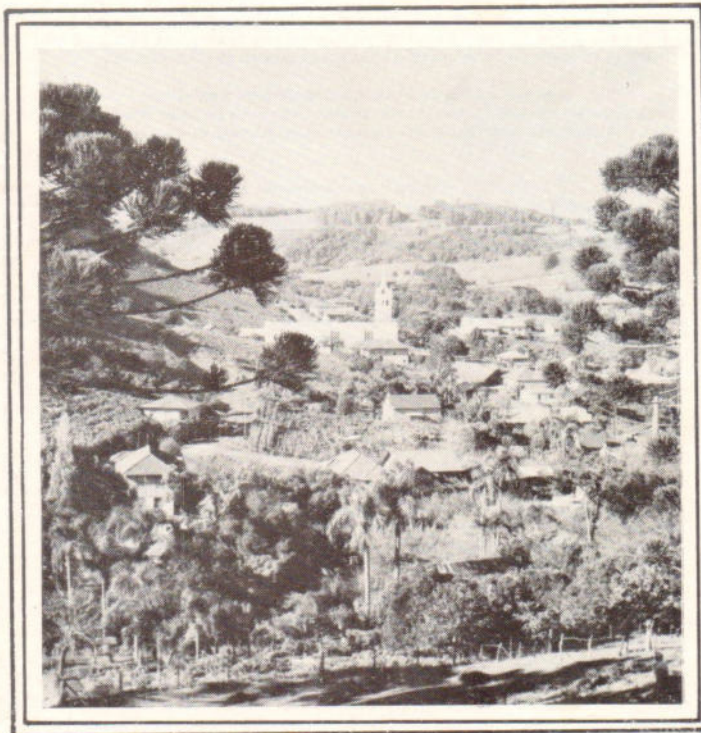
TINTO – BRANCO – ROSÉ  
 FONE: 2205  
 OTÁVIO ROCHA – F. DA CUNHA – RS

**VIIIª FESTA DO COLONO**

25 a 27 de Julho de 1980

**OTÁVIO ROCHA**

FLORES DA CUNHA-RS



VISTA DA CIDADE

PARALELA À

VI VINDIMA DA CANÇÃO POPULAR



**ROTA**  
 REPRESENTAÇÕES E ORGANIZAÇÃO  
 TURÍSTICA LTDA.

FOLHETOS PROMOCIONAIS

R. Sinimbu, 1922 - Gal. Central - Loja 31  
 Caxias do Sul – R. G. do Sul



### ATRAÇÕES TURÍSTICAS DE OTÁVIO ROCHA

**IGREJA MATRIZ** — No coração da pequena vila rodeada de parreirais, a Igreja Matriz é um destaque. De estilo moderno, foi inaugurada em 1966, por ocasião da 1.ª Festa da Uva. No seu interior, a estátua de São Marcos, esculpida em madeira, no início da colonização, é o seu maior recurso de valor histórico.

**TORRE** — Com 35 metros de altura, dominando toda a paisagem, o campanário guarda em seu interior três históricos sinos, fundidos na Itália, que se constituem na alma da comunidade. Encimando a torre, há uma estátua de Cristo Redentor.

**GRUTA E CASCATA** — A 1 km da vila, em meio à arborização natural, uma gruta e cascata formam o mais belo recanto de Otávio Rocha. A queda de uns 30 m precipita-se em poço, à frente de uma caverna com pequenas galerias e água nascente. O local serve para a realização de Festas e funciona como "Camping" selvagem.

**GRANJA SLAVIERO** — A 3 km da vila, onde são produzidas as mais finas castas de uvas de mesa. O local apresenta ângulos panorâmicos de rara beleza, com grandes "canyons" e abundantes vinhedos.

**CASCATA DO CARVALHO** — Com mais de 80 m de queda em grande anfiteatro natural, ela pode ser vista desde a Estrada Mato Perso-Otávio Rocha. Próximo a esta, há ainda diversas quedas do Rio Caxias, represa de usina, ponte pêncil e um velho moinho.

**MONUMENTO AO IMIGRANTE ITALIANO** — Na "Praça Regional da Uva", encontra-se uma réplica do leão alado de São Marcos de Veneza, patrocinado pela Secretaria Estadual de Turismo e é uma homenagem a todos os imigrantes colonizadores que se estabeleceram no antigo Travessão Marcolino Moura, 10.ª Léguas da Colônia Caxias, em 1882. O monumento foi inaugurado durante a II FESTA COLONIAL DA UVA.

**PRAÇA DA VINDIMA:** No entroncamento de diversas estradas municipais no Largo da Cruz, a pracinha da Vinuva, com pés de parreiras e um monumento em forma de barril de vinho, homenageia dois prefeitos municipais de Flores da Cunha.

### O VINHO DA COLÔNIA

A expressiva produção de uvas e a tradição de fazer bons vinhos dão oportunidade ao visitante de provar, graciosamente, o seu maior produto durante a Festa do Colono. Num local especialmente preparado, é só chegar, encher o copo e provar o bom vinho da colônia.

### HOSPEDAGEM

HOTEL OTÁVIO ROCHA  
Quartos — comida típica italiana  
Avenida Uva Itália: Otávio Rocha

HOTEL DE VERANEIO — Fone 2205  
Apartamentos e quartos — comida típica italiana  
Estrada da Vinuva — Otávio Rocha

Rede Hotelaria de F. da Cunha: 12 km e Caxias do Sul: 18 km

### ALIMENTAÇÃO

**SALÃO DA COMUNIDADE:** local amplo com possibilidades de atendimento para 1.000 pessoas.

### CANTINAS NA SEDE

Vinicola Molon Ltda. — Vinicola Caldart Ltda. — Vinicola Dani Ltda. — e Vinicola Manosso Ltda.

### APERITIVOS — UISQUE e VODKA

Seamans do Brasil Ltda.

### PROGRAMA

#### Dia 25 de julho de 1980 — Sexta-feira

##### "Dia do Colono"

- 6 hs — alvorada festiva na sede distrital e em todas as capelas.
- 8 hs — Início do torneio de bochas "Taça Festa do Colono" promovido pela Soc. Boc. São Marcos de Otávio Rocha.
- 9:30 hs — Hasteamento de Bandeiras — Abertura da Festa — deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Imigrante em homenagem aos agricultores falecidos. Toque do Hino Nacional pela Banda Santa Cecília de Nova Pádua.
- 10 hs — Missa em latim, oficiada pelo Revdo. Dom Henrique Gelain, Bispo de Vacaria — Ofertório vivo e cantado pelo Coral Típico Otávio Rocha e orquestrado pela Banda Santa Cecília.
- 11 hs — Abertura da safra vinícola de 1980 com a inauguração do sistema de distribuição gratuita de vinhos. Visita à gruta, com aperitivo para autoridades no local.
- 12 hs — Churrasco de confraternização no Salão da Comunidade. Distribuição de brindes e escolha da "Mais Bela Camponesa" através de voto popular. Proclamação da vencedora. Homenagem especial ao dr. Mário Ramos, diretor de planejamento da Embratur.
- À TARDE: Apresentação de Para-queedistas. Gincana Jovem com distribuição graciosa de frutas.
- Retreta da Banda Santa Cecília de Nova Pádua.
- 20 hs — Início da VI VINDIMA DA CANÇÃO POPULAR no Salão da Comunidade em Flores da Cunha.

#### Dia 26 de julho de 1980 — Sábado

- 12 hs — Galetto no Parque da Gruta.
- 20 hs — 2.ª Noite da VI VINDIMA DA CANÇÃO POPULAR em F. da Cunha.
- 23 hs — Baile da VIII Festa do Colono com a coroação da Rainha.

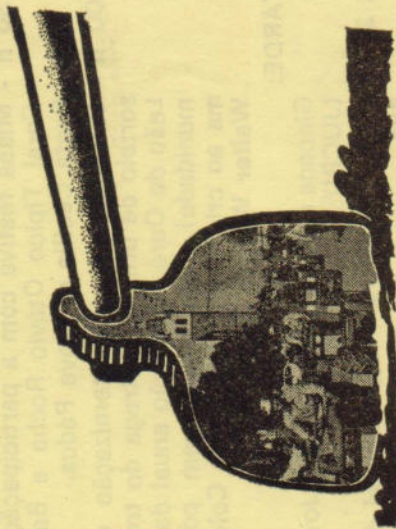
#### Dia 27 de julho de 1980 — Domingo

- 6 hs — Alvorada festiva.
- 8 hs — Concentração de tratores e implementos agrícolas.
- 10 hs — Recepção ao Exmo. Sr. Governador do Estado. Inauguração da "Praça Regional da Uva", com homenagem especial aos Municípios de São Marcos, Caxias do Sul, Farroupilha, Veranópolis, Flores da Cunha, Antônio Prado, Bento Gonçalves e Garibaldi. Hasteamento de Bandeiras no Largo do Monumento ao Imigrante.
- 10:30 hs — Missa festiva oficiada pelos Bispos Dom Benedito Zorzi e Dom Paulo Moretto da Diocese de Caxias do Sul — ofertório vivo. Participação do Coral Nova Trento e Banda Florentina.
- 11:30 hs — Visita ao Parque da Gruta com aperitivo no local.
- 12 hs — Banquete típico no Salão da Comunidade.
- 14 hs — Apresentação da Banda Marcial do Colégio Madre Imilda. Desfile típico — Gincana de Tratores Retreta da Banda Florentina.
- 18 hs — Entrega de prêmios, arriamento de bandeiras e encerramento da festa.
- 20 hs — Finalíssima da VI Vindima da Canção Popular em F. da Cunha.

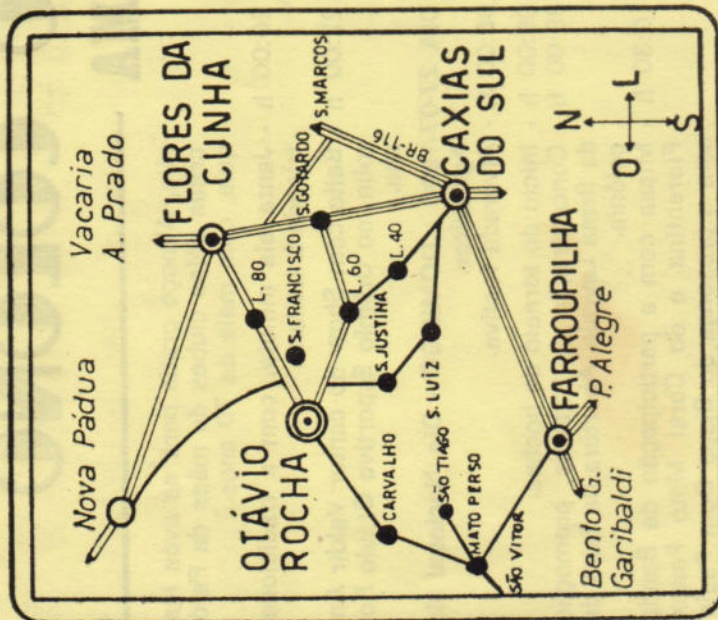
# XIV FESTA DO COLONO

**OTÁVIO ROCHA**  
Município de Flores da Cunha - RS

**25 A 27 DE JULHO DE 1986**



— PROGRAMA —  
**PRESERVANDO A MEMÓRIA DA COLONIZAÇÃO**



**ATRAÇÕES TURÍSTICAS:**

Monumento do Centenário — Parque da Gruta e Cascata — Torre de pedra — Moderna Matriz — Praça Regional da Uva, com Monumento réplica do Leão Veneziano, 8 pés de parreiras dos principais municípios produtores de uvas e primeiro monumento gaúcho ao carreteiro.

**GENTILEZA:**



**VERONESE & CIA. LTDA.**

"INDÚSTRIA QUÍMICA"

Rua Vereador Mário Pezzi - 318 - CEP 95100  
Caixa Postal, 10 - CAXIAS DO SUL - RS  
FONE: (054) 222.2377

Serviço de **SEC**  
Proc. n.º **34010/1986**  
Fl. **21** - 13.00 **Ma**

**CPHAE**  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. **11/11**

# XIV FESTA DO COLONO

## PROGRAMA

### DIA 25-07-1986 - SEXTA-FEIRA

Dia do Imigrante, Colono, Carreteiro e do Motorista.

06:00 h - Alvorada festiva.

09:00 h - Inauguração da Feira da Colônia, com venda de produtos Coloniais; Exposição de quadros sobre o casarão dos Veronese efetuado pela Universidade de Caxias do Sul.

10:00 h - Início simbólico dos trabalhos de poda na Praça Regional da Uva.

10:30 h - Missa festiva com a participação do Coral Típico Otávio Rocha e Banda Santa Cecília de Nova Pádua.

12:00 h - Churrasco de confraternização com sorteio de brindes. Entrega do troféu Leão de Ouro (Distinção anual da comunidade), com homenagem pós-tu-ma ao criador das Festas do Colono, **Walter Werner Molton**.

### A TARDE:

Gincana organizada pelo Grupo Jovem (JUCRI)

### DIA 26-07-1986 - SABADO - Dia Mundial da Avó.

09:00 h - Abertura da Feira da Colônia, venda de produtos agrícolas e coloniais.

11:00 h - Missa em homenagem às avós.

12:00 h - Almoço típico da cozinha italiana. Cardápio: sopa de fidelini, tortei, polenta galeto, pissacan, codeguin, for-

táia. Almoço grátis para as avós inscritas pelos clubes de mães da Paróquia, com mais de 70 anos.

20:00 h - Janta ala minuta, com a tradicional tripada à italiana.

22:00 h - Baile com Show do cantor Valdir Anzolin, no Grêmio Esportivo Otávio Rocha.

### DIA 27-07-1986 - DOMINGO - Dia Nacional do Agricultor.

06:00 h - Alvorada festiva.

08:00 h - Início do torneio de bochas.

09:00 h - Concentração de tratores, promoção da firma Lavrale. Abertura da feira da colônia.

10:30 h - Missa com a participação da Banda Florentina e do Coral Mato Perso, com a presença do Bispo Dom Paulo Moreto.

11:30 h - Abertura Oficial da Safra Vinícola de 1986, em ato presidido pelo Delegado Federal da Agricultura do RS.

12:00 h - Almoço típico no Salão da Comunidade.

### A TARDE:

Desfile de tratores e Máquinas agrícolas, apresentação do Grupo RICORDO D'ITALIA da firma FRAS-LE.

Obs.: Distribuição Graciosa de Vinho no lar go da matriz.

Serviço de m. e. e. EC  
Proc. n.º 34019/1986  
FL 22 - 13.00  
ua

CPHAE  
Proc. n.º  
Fl. ~~1986/1986~~

ZERO HORA

Sexta-feira, 25.07.86/PROGRAMA

# Festa do Colono em Otávio Rocha

De hoje até domingo, Otávio Rocha está em festa. Com uma programação intensa, a 14ª Festa do Colono reúne turistas, moradores das regiões vizinhas e muita gente que não dispensa um bom vinho, queijos e a alegre música e danças típicas italianas. Terceiro distrito de Flores da Cunha, Otávio Rocha fica a 12 quilômetros de Flores da Cunha e a 17 quilômetros de Caxias do Sul, e o acesso é bem fácil: seguindo a estrada que leva a Flores da Cunha, cerca de 10 quilômetros antes de se chegar lá, logo se vê uma placa, indicando o acesso a Otávio Rocha; depois de sete quilômetros em estrada de chão, se chega ao Distrito de Otávio Rocha.

Lá vivem cerca de 300 famílias, descendentes dos primeiros imigrantes italianos que chegaram ao local há mais de 110 anos, e que se dedicam à viticultura. Lugar simples, hospitaleiro, que procura manter vivas as tradições italianas - e a Festa do Colono é um bom exemplo disso.

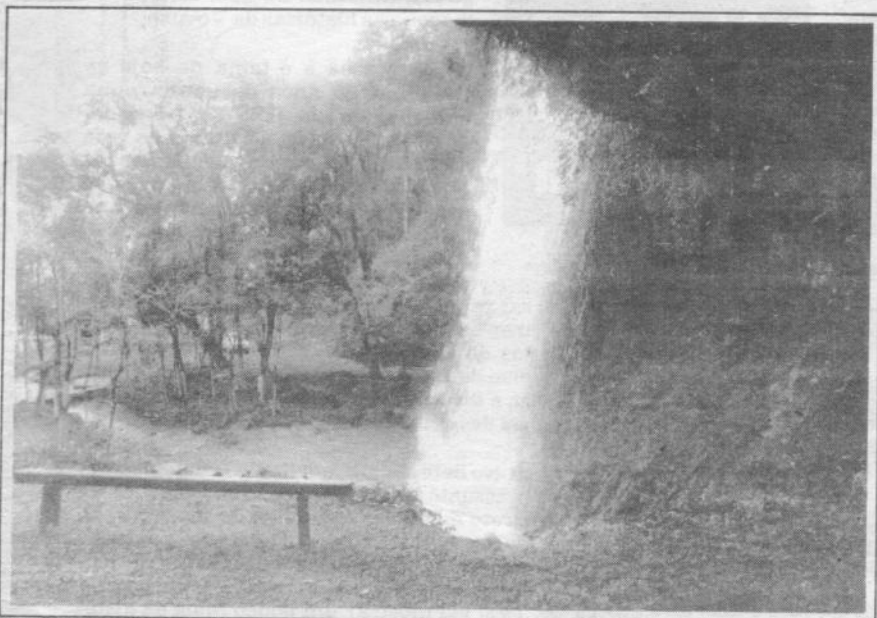
Além da parte culinária, há coisas interessantes para se ver e curtir em Otávio Rocha. A Igreja da Paróquia de São Marcos, bem no centro da vila e as várias cantinas que produzem o vinho da região são uma boa pedida, como a Vinícola Dani, a Vinícola Caldart, os Vinhos Manosso e os Vinhos Molon. Para quem quiser passar o fim de semana, Otávio Rocha oferece dois hotéis: o Hotel Bernardi e o Hotel Dona Amélia Slaviero, famoso pelas massas e queijos. Como pontos turísticos, o distrito inclui o Calvário, uma grande cruz de ferro, de 15 x 10 metros, erguida sobre um morro de onde se descortina todo o distrito, mas é uma subida que exige fôlego, pois são 187 degraus. E também o Parque da Gruta, que reúne 14.500m<sup>2</sup>, de propriedade da Associação de Amigos de Otávio Rocha, com uma bela queda d'água que encobre uma gruta com a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, e uma agradável área para churrascos e piqueniques, pois dispõe

de sombra, churrasqueiras, mesas e bancos.

A Festa do Colono começa hoje, que é Dia do Imigrante, do Colono, do Carreiteiro e do Motorista. E começa cedo, com uma alvorada festiva às seis horas. Depois, às 9 horas, acontece a inauguração da feira da colônia, com venda de produtos coloniais e exposição de quadros sobre o casarão dos Veronese, efetuado pela Universidade de Caxias do Sul. Às 10 horas, na Praça Regional da Uva, há o início simbólico dos trabalhos de poda das parreiras, seguido por uma missa festiva (às 10h30min), com participação do Coral Típico de Otávio Rocha e Banda Santa Cecília de Nova Pádua. Ao meio-dia está marcado um churrasco de confraternização e entrega do troféu Leão de Ouro (uma distinção anual da comunidade), com homenagem póstuma ao criador das Festas do Colono, Walter Werner Molon. A parte da tarde está reservada para uma animada gincana.

Amanhã, sábado, Dia Mundial da Avó, estas serão homenageadas com uma missa, às 11 horas, seguida por um almoço típico da cozinha italiana, à base de sopa de fidelini, tortei, polenta, galeto, e fortaia. Às 20 horas, jantar com a tradicional tripada à italiana e depois baile com show do cantor Valdir Anzolin, no Grêmio Esportivo de Otávio Rocha.

O domingo, Dia Nacional do Agricultor, começa com torneio de bocha às 8 horas. Às 9 horas, há concentração de tratores, numa promoção da firma Lavrale, e abertura da feira da colônia. Para as 10h30min, está marcada uma missa com participação da Banda Florentina e Coral Mato Perso, com a presença do Bispo Dom Paulo Moreto. Às 11h30min, acontece a abertura da safra vinícola de 1986, em ato presidido pelo Delegado Federal da Agricultura no Estado, seguido por um almoço típico no Salão da Comunidade. À tarde, haverá uma corrida de tratores e apresentação do Grupo Ricordo D'Itália, da firma Fras-le. Durante toda a Festa do Colono, haverá distribuição de vinho no largo da Matriz.



Queda d'água do Parque da Gruta

# Mau tempo não impede o sucesso da Festa do Colono

A Festa do Colono em Otávio Rocha reuniu um bom público no seu encerramento, ontem. A comissão organizadora estima que mais de 1.500 pessoas tenham participado apenas do almoço. O evento, que contou com desfile de máquinas agrícolas, na parte da tarde reuniu outro contingente estimado em mais de três mil pessoas.

No início da manhã o tempo transtornou a programação pla-

nejada. As apresentações da banda típica italiana de Flores da Cunha e do grupo de danças Ricordo D'Itália foram realizadas no salão paroquial da igreja.

O ponto alto da festa, o almoço de confraternização, foi realizado entre a apresentação da banda e do grupo de danças. A exposição de fotos da casa dos Veronese, bem como a venda de produtos coloniais, foram atra-

tivos especiais para os visitantes que lá estiveram.

## VINHO GRÁTIS

No sábado ainda, segundo a comissão organizadora, muitos turistas estiveram em Otávio Rocha para conhecer principalmente os vinhos produzidos na região.

Após o almoço, na parte interna do salão de festas, houve distribuição de vinhos da safra de 86 a todos.

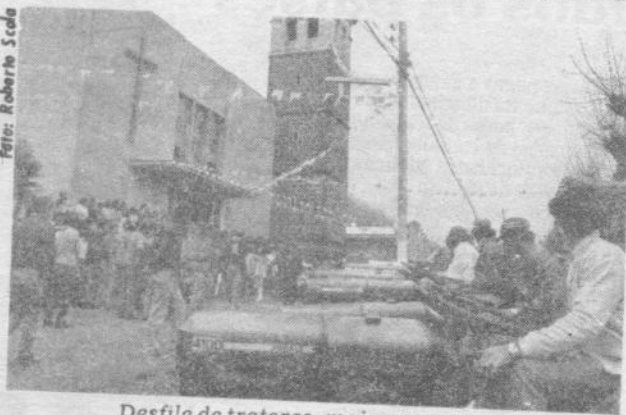
Com a colaboração dos proprietários de máquinas agrícolas da região, os organizadores da festa realizaram o desfile pela cidade. O fato, segundo Floriano Molon, integrante da comissão promotora do evento, tinha como objetivo "demonstrar o elo do trabalho entre o colono e o próprio motorista".

## SINOS D'ITÁLIA

Pela manhã, na alvorada festiva e antes do almoço, três integrantes da coletividade local - Ereni Tadiello, 51 anos, Jaime Molon, 48 anos, e Bruno Zorzin, 65 anos, descendentes dos primeiros tocadores de sino - mais uma vez entoaram as badaladas características de qualquer evento importante na cidade. Até aí nada de novo. No entanto, o que chama a atenção é que desde os 13 anos de idade de cada um, corriqueiramente, eles fazem o mesmo ritual. Mas a falta de aprendizes está preocupando os "tocadores de sino da comunidade". Segundo Ereni Tadiello, que desde os 15 anos toca sino, "ninguém mais quer fazer parte desta tradição". Para ele, essa atitude é interpretada como sendo mais um reflexo dos "novos tempos". Na Festa do Colono de Otávio Rocha, Tadiello lembra da evasão rural que está ocorrendo.

Outro fato curioso dessa mesma comunidade é o campanário. Os três sinos italianos, todos de 1912, são sustentados por uma estátua, com a imagem de Cristo. O campanário, de 1921, necessita de uma restauração na estátua, acima dos sinos. Entretanto, devido ao misticismo de alguns e mesmo dificuldades para subir os 14 metros, ninguém se propôs até hoje a consertar a cabeça da estátua, que foi "decepada" por um raio em 1981. Ontem, na conversa dos três tocadores de sino, essa era a dúvida. No próximo ano, segundo eles, a comunidade deve ser mobilizada para que se restaure a estátua.

Foto: Roberto Scala



Desfile de tratores, mais uma vez, reuniu um grande número de pessoas

Foto: Roberto Scala



Mau tempo prejudicou pela manhã. À tarde, Otávio Rocha viveu com sucesso mais uma Festa do Colono

ENTREVISTA COM A COMUNIDADE

P- Conforme correspondência que foi endereçada para a Universidade de Caxias do Sul, para tomarmos alguma atitude em relação à casa dos Verenoses. Nós iniciamos o trabalho, pensando em começar por fazer aquelas coisas que, se houver, mais tarde, alguma atitude oficial em termos de tombamento ou da própria recuperação, que aquelas atitudes, nós já as tivéssemos prontas. Com isso, terminamos de fazer o levantamento com o histórico da casa, que pretendemos até amanhã de meio-dia encerrar, e essa reunião com a comunidade para que a comunidade conosco pense no que fazer com aquela casa. Levando em consideração primeiro, as atividades que a casa ainda tem, que ela é uma auxiliar indispensável da atividade rural pelo que nós sentimos. Por outro lado também é importante a gente ver e assistir o interesse que a comunidade tem em preservar o valor cultural que tem aquele documento arquitetônico e que nós também reconhecemos como da maior importância. Ele é, com certeza, um dos monumentos de arquivo da imigração italiana dos mais significativos. Então a idéia da comunidade, a idéia da Universidade de Caxias do Sul, a idéia da preservação, idéia de patrimônio histórico está tudo reunido nisso. Está todo mundo fazendo força para o mesmo lado. Todos sabem das dificuldades que existem não só de ordem financeira para restaurar um prédio daquele tamanho, com aquelas avariações que ele já contém, que algumas são muito graves, mas que também, não quer dizer que seja impossível de ser restaurado. Dentro dessa união de pensamento, que todos estão querendo que a coisa saia, nesse momento, é muito importante vermos o que a comunidade pensa em fazer. O que acham que seria bom, o que seria bom para Otávio Rocha, sem esquecer que tem que ser bom para a Dona Maria. Estamos aqui para ouvir. Antes de conversarmos, poderíamos mostrar o levantamento fotográfico em slides que já foi feito na semana anterior. Um levantamento com essa profundidade, hoje, com certeza,

Serviço de Conservação/SCU  
Proc. n. 34010/1986  
Fl. 25 - 13.00 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

essa documentação é das mais rigorosas que já se foram feitas no interior do Rio Grande do Sul, com certeza, <sup>que a</sup> da imigração italiana é o levantamento maior rigoroso que foi feito.

Primeiro vamos tentar que seja reconhecido oficialmente o valor histórico, ou seja, para ser reconhecido oficialmente o valor histórico <sup>que</sup> sem ter <sup>h</sup> haver um ato do Conselho Estadual de Cultura, que diga que essa casa tem um valor histórico. Isso vai ajudar no processo para que lá, os sabidos, quando forem olhar, realmente com todo o levantamento fotográfico, <sup>tornem possível</sup> o tombamento <sup>to</sup>

Quando isso for reconhecido oficialmente tem possibilidade, então, porque antes disso é impossível <sup>de</sup> obter recursos tanto do Estado como do Governo Federal, para que se possa botar a mão em alguma coisa. Nós achamos que é impossível botar a mão em tudo, mas tem alguma coisa que teria que ser <sup>feito com o</sup> urgente <sup>é</sup> refazer o telhado. Então, tendo o telhado bom, para de estragar o resto.

- Caldart - Começar entrar água, até parede cai.
- P- E ele esta se esgaçando, então ele vai empurrando as paredes.

A gente gostaria de ouvir dos senhores o que seria bom fazer nessa casa. Como seria melhor aproveitada pela comunidade?

- Em primeiro lugar eu gostaria de saber, se ela poderia ser aproveitada em qualquer sentido que deixasse válido ou ela teria uma coisa, por exemplo, ali nós queremos que funcione um restaurante como ficaria o negócio? Seria válido perante aquilo que o Governo.....?

P - É válido. Eu acho que nós temos sempre que pensar assim: temos que ter uma atividade que seja compatível com a existência da Dona Maria, com o tipo de vida que ela tem, que ela não vai mudar por causa da casa. Ela vai continuar com a vidinha dela, com as vaquinhas, com os queijos. O que vocês pensam em função, depois o que é possível fazer ou não, nem somos nós que vamos decidir. Nós não temos competência para tanto assim, bom se nós

Serviço de Comunicação/SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 26 - 19.00/ Ma

CPHAE  
Proc. n.º  
Fl.

tivéssemos. Aí a gente vai influenciar as pessoas que decidem para que seja melhor assim ou melhor assado, em função do que os senhores acham que é melhor.

- Para recuperar essa casa, para deixar ela no sistema que está, é uma coisa que fica bonito, não resta a menor dúvida. Mas acho que poderia ser explorada num outro sentido e a casa ficasse a mesma coisa como está e a Dona Maria ela viveria com as vacas dela, do outro lado. Acho que teria condições de deixar prá ela as vaquinhas dela como está, só que aquilo ficaria do lado, em vez de ficar dentro da casa como ela tem agora, ficasse do outro lado, encostada. Não sei se isso é possível.

P 'A idéia seria de ser o que?

- Por mim teria uma idéia. Cada um, eu não sei porque não falei com ninguém, mas cada um pode dizer.

P - É bom que todos dêem opiniões

- Eu, prá mim, a opinião seria a seguinte: aquilo seria uma casa, por exemplo, que fosse tombada pela união, fica patrimônio histórico, mas lá dentro se faça um come pão e salame, tipo restaurante, uma coisa que se explore. Uma coisa que possa, que uma pessoa vem prá cá, fui lá ver aquela casa, Dentro encontrei um pão e salame, um churrasquinho ou tivesse mesmo um apartamento, que se a pessoa quer chegar lá, diz quero dormir numa casa fora para ver como é. Não sei se seria viável aquilo que eu penso ou não.

P - A Dona Maria inclusive, ela acha que daria para fazer isso. Ela disse que se deixasse a parte de baixo, a parte de cima dá para fazer uns quartos. Mas aí tem outros problemas que entram. Prá fazer dormitório tem que fazer banheiros.

Ela inclusive poderia vender queijo, salame, inclusive espécie de uma bodega. E daria certo.

Caldart- Fizemos um pequeno desenho para dar uma idéia. Um bar na frente, restaurante, uma lareira, dois apartamentos, em cima daria para fazer mais dois e aqui ficaria um corredor. E essa parte que ficasse prá dona da casa, que se ela quisesse montar algum mercado, para vender cebola, alho, ficaria um salãozinho para ela vender aquilo que ela quisesse. É uma idéia. Não sei se terá condições de fazer isso. Essa casa, até nós tínhamos feito o nome "Pousada Colonial", um restaurante.

- A minha idéia seria mais em torno de fazer um museu histórico da região, a partir já das pipas, da cantina, de uma máquina..... um museu regional da zona italiana, não dispendendo o vinho italiano, pão, queijo e vinho, sem apartamentos, só museu.

Por em cada sala os artigos dos antigos, dos primeiros imigrantes que vieram aqui, no caso combinam muito bem.

- Um museu aqui para montá-lo tem muita facilidade. Se fosse fazer uma campanha. Só aí pelas cantinas que não vai muita coisa, mas tem máquinas velhas, tem máquina de rolo de madeira. Tem um monte de coisas que dá para fazer uma exposição, nem mais museu.

- Na cozinha dá para montar de novo aquilo que tinha, mais ou menos. Nos quartos podem ser colocadas camas que tinham uma vez, com roupeiros. Dentro daquele ambiente fazer mais ou menos como era.

- Teria condições de fazer que nem esse plano que tem aí?

P- Tem condições. É possível fazer essa transformação.

- A minha idéia é a seguinte: o casebre ficasse a mesma coisa, só que a única funcionalmente por dentro seria um funcionamento completamente diferente, mas o que aparece que fique como está. Só lá dentro, por ex., para fazer um apartamento não precisa mudar nada.

- A parte que o Valter falou, de conservar um museu, tem lugar aqui dentro?

- Sim, sim. Lá em cima pode fazer museu.

- Me representaria que seria assim: por ex., vem uma pessoa, porque aqui em Otávio Rocha, por incrível que pareça, nós temos visita de

Serviço de Conservação/SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 28 - 19.00/ Ma

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

todo Brasil. Então como temos tanta gente que vem de fora e vão jantar lá na Adélia. Se tivesse janta, vão jantar lá na casa de pedra, lá em Otávio Rocha. E lá teria um lugar prá dormir, prá jantar.

- Seria usar a casa com bom senso.

P- Nós temos que levar em conta que a dona Maria está lá.

- Em termos de estudo que fizeram, como está a casa?

P- Se classificássemos o estado da casa, em termos de conservação, nós temos uma ficha. Sempre que a gente faz um levantamento desse tipo, a gente preenche uma ficha com todas as características do prédio. Então nesse caso, essa ficha caracteriza desde o proprietário, quem foi o construtor, o endereço do proprietário atual, número de pavimentos, data de construção e num dos itens da ficha está o estado de conservação. Nós classificamos em bom, regular, ruim e péssimo. Nós consideramos que o estado de conservação é ruim. É um estado que está quase entrando para o péssimo. É um estado que ainda permite recuperação.

- Acho que um museu caberia muito bem. Acho que não deveria toda a semana ficar aberto, principalmente agora no início, supor uma sala onde se pudesse comer pão, queijo, vinho, para fins de semana. Alguém vai ter que ser responsável por isso.

P- Uma das coisas que eu acho fundamental quando se faz um esforço desses para recuperar, também não seja uma coisa que tenha um ônus contínuo.

- O governo faria a restauração da casa, depois quem fica lá dentro fica responsável ao cuidado da casa ou o governo teria uma verba de manutenção no início?

P- Hoje é difícil conseguir qualquer coisa, desde para a restauração e quanto muito mais para conservação.

- Se tem uma pessoa que vai lá dentro e explora uma coisa que ela adquire um lucro em cima daquilo, ela seria responsável à conservação do prédio. Eu acredito que teria que ser assim.

Porque se vai lá explorar, depois vão derrubar a casa de novo porque o governo constrói de novo. Acho que isso é impossível. Porque

uma pessoa que entra lá dentro terá que assumir um compromisso à conservação daquilo que ela recebe. É a mesma coisa uma pessoa que aluga uma casa, quando ela aluga ela tem o compromisso de entregar a casa nas condições que recebe.

- Se fosse usada para fazer museu, teria inclusive que ser..... e as peças que tem, que fossem colocadas dentro.

P- Isso teria que ser peças registradas no livro de doação de cada pessoa que doou.

- Mesmo sendo museu poderia ser feitas salas para reuniões, salas para encontros.

S- Onde a associação se reúne?

- Nós temos alugado em três, uma peça.

P- Quem mais teria alguma coisa a sugerir? Estamos aí para trocar idéias, para ouvir principalmente, porque depois da gente ouvir vamos pensar, ver o que a gente pode sugerir.

- Fazer um salão de baile.

- Eu acredito que mais ou menos a idéia daquilo seria ser estudada. Uma coisa que não podia ficar suspensa seria uma salinha de pão e salame de fim de semana. Seria uma das coisas que não podia cair fora.

- No caso, aproveitar aquela cozinha com uma lareira. No inverno seria muito bom.

- Tu não tem um outro caso que tenha sido feito uma coisa dessas e que tenha sido colocado prá fazer alguma coisa fora isso da gente?

P- Nós trabalhamos num projeto parecido com esse prá Guaporé, onde foi feito Museu e Arquivo Histórico. Museu, desde peças da cantina, na parte debaixo do ~~pra~~ porão, até documentos dos imigrantes, fotos, objetos, passaportes. Todo o tipo de documentação que tinha na região. A prefeitura fêz um trabalho junto às comunidades rurais prá obrer os documentos.

- Mais ou menos seria isso. Pega o livro do Floriano, o que ele arrumou de documentos lá em Porto Alegre mesmo é coisa impressionante.

Serviço de Comunicação/SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 30 - 13.001 Ma

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

- Além dos documentos, peças se arrumam. Inclusive o pessoal daqui vai ver. muita gente vai vá ver, sem chamar os de fora. Depois de montado começa fazer corrente.

- A casa é mais ou menos parecida?

P- Não é tão grande. O estado de conservação dela é bem melhor. Mesmo assim a prefeitura de lá gastou bastante dinheiro para deixá-la zero quilômetro.

- Teria sido feito um convênio com a prefeitura?

P- Em Guaporé foi feito u m convênio com a prefeitura e Ministério da Educação.

- Se nós falássemos com o prefeito acho .....

Fim da fita

Serviço de Comunicação SEC  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 31 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

P - O Assis é Secretário de Turismo?

- É

P - Acho que eles já pensaram em fazer esse museu na Casa do Soldatelli em Nova Roma. Terminou morrendo por falta de apoio da comunidade. Aqui que tem o apoio da comunidade talvez seja fácil fazer.

- Nós temos apoio também da família.

P - Eu acho, a própria família dependendo do que ela levaria em troca, pelo que eu vi da Dona Maria não tem grandes resistências.

- Acho que faltou explicar as vantagens, porque senão fica numa tese que não é vantagem, primeiro tem que explicar a vantagem que eles levam, aí vêem com outros olhos.

- É porque o pessoal disse prá ela que o governo tomaria dela a casa. Ninguém vai poder roubar nada de ninguém. Não, porque eles vão pegar a casa e mais 5 metros ao redor. Aí não posso nem passar. Imagina só! Isso são fofocas.

Antes de chegar a um ponto desses tem muito que conversar, muito que discutir. Ela estava receiosa por causa disso. Agora se explicasse direito como seria, vamos supor essa parte de exploração da comida, que ela tivesse condições ela ou seus filhos, de fazer, acredito que seria uma apoio bastante grande, desde que seja bem explicado.

- Nós também não sabíamos certo como funciona. Uma hora dessas a gente vai lá e explica prá ela.

- Ela ficou meio impressionada, porque outro dia o pessoal da TV Gaúcha foi lá, começaram a filmar. Eu pedi se podiam, sim, sim, já levaram embora o telhado.

P - E vocês pessoal o que acham?

Alunos - Surgiu aqui quase a mesma coisa. As idéias que vocês tiveram aqui mais ou menos o que a gente teve, A gente tinha pensado em fazer, ou museu, ou uma cantina: Vocês propuseram em fazer um museu e uma cantina:

- Daria uma chance de exploração em cima do museu.

P - Essa idéia do restaurante, da pousada, seu Caldart, tem que levar em conta, com maior respeito que tem com a Dona Maria, mas eles não tem condições de levar essa coisa adiante sozinhos. Já se for a bodega com o museu, cuidar do museu, abrir as portas quando vem uma pessoa durante a semana. Mais fácil. Inclusive dá para ensinar, quando se trata das pessoas, como se mostra.

- Essa bodega seria pão, queijo e vinho. Tem bodegas que tem cigarros.

- Não, não. Pão, queijo e vinho. Marmeladas, coisas da colônia, uva, frutas, bolos, o que o pessoal pede.

Se uma família que mora lá, o custo de manter é igual a zero.

- Se perde meia hora, mas se vai lá e vende alguma coisa já tirou.

- Esse patrimônio no caso é do governo federal?

P - Estadual e federal

- Se tivesse o tombamento ficaria exclusivamente do ,.....

P - Não, o tombamento não tira propriedade. O tombamento só obriga o proprietário a não mexer. A única exigência. O proprietário se tiver que mudar uma porta tem que pedir licença:

- Quer dizer que o patrimônio fica da família?

P - Sim. Não altera a propriedade, a não ser que o governo pagasse, aí seria outra situação. Até se houvesse.....governo vai se apropriar, vai indenizar, aí é outra situação, mas não é o caso, porque o Brasil tem tantas obras que deveriam ser preservadas através, até mesmo da desapropriação, que é muito difícil. É uma coisa completamente fora de cogitação. Até mesmo que o governo tivesse dinheiro, o certo no nosso entender, é que essa preservação seja uma coisa que as pessoas das comunidades acham que é importante, que não adianta vir os caras lá da cidade e dizem:

Olha, é importante preservar. Isso não tem importância nenhuma. Tem importância quando a comunidade acha que é importante. Se a comunidade acha que é importante, então, não tem porque o governo estar desapropriando. Tem mais que declarar o valor histórico que

Serviço de ... /SEC

Proc. n. 34010,86

Fl. 32 MA

tem, através de um ato oficial que é o tombamento é a família entendendo o valor histórico vai ajudar a proteger.

- Seria um patrimônio completamente do proprietário.

P - A .....é evidente que para o proprietário, o valor de negócio da obra fica alienal porque se vender para outra pessoa vai ter que também conservar. Mas no fundo está havendo uma grande valorização do patrimônio,

- Principalmente, prá ela, porque se fosse numa cidade, mas aqui se cai não tem mais nada. E para melhorar o capital que fica prá ela.

- A reconstrução será feita com recursos de que?

P - Estava dizendo que hoje os recursos são muito pequenos e há uma grande dificuldade prá obtenção de recursos em diversas áreas. Está muito difícil. O governo, não é novidade prá ninguém, está quebrada. Então a gente terá que pedir dinheiro para o Pró-Memória, terá que pedir dinheiro para o governo do Estado para a Prefeitura e porque não pedir dinheiro inclusive da comunidade. Isso tem que ser um esforço comum. Ninguém pode ficar fora. Daí a pouco também vem dinheiro do governo do Estado para beneficiar a comunidade, seria uma injustiça para outras comunidade. As coisas tem que ser muito bem divididas, muito bem equacionadas.

O sr. sabe que a valorização da cultura da imigração italiana é uma coisa muito recente. Nós, até há pouco tempo tínhamos vergonha de sermos filhos, netos ou bisnetos de imigrantes. A cultura italiana não tinha a valorização que tem hoje. Isto também é um motivo para mostrar para o pessoal destas localidades que temos trabalhado, de que não tem vergonha nenhuma em ser colono italiano, ao contrário, é isso mesmo que nós somos. Ninguém tem nada a ver com isso.

Então, essa ajuda da comunidade, essa conscientização da comunidade que uma obra dessas valia, cada ~~x~~ colonia guardasse alguma coisa do que ainda temos. Por exemplo, aqui na casa do Anselmo Zorzini, no sótão, tem um lampião maravilhoso; tem uma cadeira de barbeiro feita pelo seu Anselmo, sei lá por quem; tem cano de parede e assim por diante. Lá no Smiderle tem coisas que pode-

CPHAE	
Proc. nº	.....
Fl.	<del>.....</del>

riam estar no museu.

- Tem tanta coisa que se a gente procurasse montar um museu tem, tanta coisa que nós mesmos, que moramos aqui, nem acreditaríamos que aparece tanta coisa.

P- Por hoje estamos conversados.

Serviço de Com. Int. / SEC	
Proc. n.º	34010/1986
Fl.	34 - 19.00 Ma

Serviço de Arquivamento/REC  
Proc. n. 34010/1986  
Fl. 35 - 19.00/ MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

Projeto: ECIRS

Data: 01.06.85

Entrevistadores: Paulo Bertussi e Sandra Barella

Informante: Maria Molon Galiotto

P- O que a senhora acha que daria prá fazer em essa casa? Qual é a sua idéia?

M- Depende do que vocês querem arrumar.

P- Primeiro teria que arrumar prá não cair.

M- É, em primeiro lugar é isto.

P- Depois de arrumado, o que a senhora acha?

M- Eu já disse, a parte debaixo fica para mim; a parte superior podem fazer o que querem.

P- Em cima?

M- Com os dois andares.

P- A senhora faria o que na parte debaixo?

M- Cuidar, vamos supor, o trator, a tobata, e coisas.

P- Depósito?

M- É depósito prá família. Porque, vamos supor dá-se tudo prá museu, então tem que fazer outra casa porque depois as coisas e tudo.

Eu falei com o Floriano, e ele disse que seria bom dar tudo, mas como que eu vou fazer então. Fazer outra casa, noutra lugar, vou fazer aonde?

P- A senhora ficando com a parte debaixo, o que acharia bom que fizesse em cima? Que idéia a senhora tem?

M- Ah! eu não sei. Arrumar e deixar lá sem utilidade, vale pouco. Como falou o Floriano, se fosse fim de semana que viessem pessoas para veranear.

S- A senhora diz prá parar, prá dormir?

M- É, se fosse. Se arrumasse, ficasse ali, tem quatro quartos, cinco. Tem mais, porque que se fosse ali em cima, a sala, daria mais.

P- Na parte debaixo da cantina, não daria, nos fins de semana, ter uma espécie de uma bodega, prá senhora mesmo vender seus queijos, vinho, salame, pão?

M- Sim, se fosse o caso, também poderia ser ali na cantina, porque

de lá... Como havia também dito o Floriano: seria bom dar tudo, mas faço o quê, então? Passar também pro lado de lá, as vacas e tudo! Então ele disse que seria tirada a estrabaria da vaca. Seria retirada mesmo?

P- Teria que construir em um outro lugar.

M- Mais prá cá é o pior lugar. Se tu faz aqui em cima, então não dá porque é muito perto de casa, dá mau cheiro. Lá, onde está, fica mais distante.

S- No caso das pessoas pararem ali prá dormir, quem iria cuidar, fazer comida? A senhora teria idéia?

M- Por mim, se fosse o caso, poderia eu mesma fazê-la. Mas um dia, porque eu envelheço também e até concluirem se porém construir, quem sabe se eu estou ou não viva. Se fosse o caso, haveria aqui um hotel ali.

Nem sei como dizê-lo, porque os meus filhos disseram, lhe dá a parte de cima da casa, ... mas a parte debaixo para o trator, toba ta e essas coisas, seria bom tê-la. Depois tem que deixar mais limpo, porque se tem gente lá. Como esse ano enchemos duas, três vezes de cebola lá em cima. Até o meu filho falou e daí para o ano que vem, eu disse se ele arruma e senão até lá tem lugar prá botar. Se começa arrumar entã não dá mais para botar as cebolas. Eu disse então para fazer uma casa separada, um depósito, porque ele trabalha com cebolas e alho. Ele já plantou 200 kgs de alho esse ano.

S- O Floriano já tinha conversado com a senhora sobre isso?

M- Ele veio também sábado tirar uma foto. Ele me perguntou se eu tinha dado aquele papel. Eu dei prá um de vocês.

S- Nós temos aí. Nós tínhamos também o livro sobre Otávio Rocha.

M- É o Floriano o chefe para escrever livros.

S- Dona Maria que vai lhe ajudar, no caso de cuidar dessa casa, depois de arrumada?

M- Não sei, porque eu tenho uma idéia e os filhos tem outra.

S- O que eles acham?

M- Eles dizem que depois vamos nos incomodar.

S- Por que?

M- Porque eles acham que se tem gente ali e que precisa sair, não pode sair. Mas, não tem nada com a casa de cá, no caso. Acostuma-

CPHAE	
Proc. nº	
Fl. <del>21116</del>	- FL: 37 -

do, se tem gente, não se sai de casa.

P- A senhora quase não sai?

M- Às vezes eu saio. De domingo, nunca saio quase. Saio mais durante a semana, porque no domingo, ou vem uma filha, ou outra, ou vem gente, assim nunca saio.

P- O que seus filhos pensam?

M- Eles dizem que eu vou me incomodar.

P- Só porque vão arrumar?

M- É, depois tem sempre gente.

S- No caso da Dona Maria atender, se tivesse uma atividade, uma pensão, um hotel, porque por ela faria, não é dona Maria?

M- É.

P- E essa idéia da senhora vender os queijos, os salames e vinhos, a senhora não acha uma boa idéia, só nos fins de semana. Durante a semana a senhora fecha? Quando tem festa um Otávio Rocha?

M- É seria bom.

P- A senhora tem uma idéia, com o pessoal que já conversou, como deveria ser feito para que isso aí não caia?

M- Ali na frente, o Floriano disse de fazer tudo de material, só a porta deixar de madeira, Lá em cima uma vez era tudo de material, de tijolos. Lá em cima nós arrumamos de madeira.

P- Só tinha uma parte dos fundos de material?

M- Que nem está lá, o resto era madeira.

P- Era telhado dessa mesma telha?

M- Não, dessa aqui. Até está lá amontuada lá no canto. A metade nós usamos para cobrir de novo e metade ficou lá.

P- Quem era o João Schio?

M- Era vizinho.

P- O Romano Galiotto?

M- O Romano era o avô do nono Galiotto.

P- Domingos Galiotto?

M- Era tio do meu falecido esposo, o Sétimo. O sogro era José.

Serviço	- 19.00	SEC
Proc. :	34010/1986	
FL	37	MA

Serviço de Documentação  
Proc. n. 34019/1986  
Fl. 38 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~19~~

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Projeto "Elementos Culturais das Antigas Colônias  
Italianas no Nordeste do Rio Grande do Sul - ECIRS"

Entrevista realizada em 02 de junho de 1985

Local: Casarão dos Veronese

Informantes:

João Manosso

Data de nascimento: 21.08.1908

Idade: 77 anos

Carlos Dani

Data de nascimento:

Idade:

Clementina Panizzon Ravizzoni

Data de nascimento: 22.01.1899

Idade: 86 anos

Maria Molon Galiotto

Data de nascimento:

Idade: 45 anos

Tradução: Adiles Pietrobelli Lucietto

(Projeto ECIRS)

A- O que o sr. poderia contar sobre esta casa, nos primeiros tempos, quando ela foi construída?

J- Foi construída antes que eu nascesse.

A- O sr. é parente dos Veronese?

J- Não. Sou vizinho. Moro logo ali abaixo.

A- O sr. sabe como fizeram os tijolos para construir a casa?

J- Os tijolos eu sei que ele mesmo fêz, esse Veronese.

A- De barro?

J- De barro sim. Não sei de que jeito que el os fêz.

C- Fazia em caixinhas. Tinha o molde.

A- O seu nome por favor?

C- O meu é Carlos Dani.

A- Onde botavam esses tijolos para fazê-los?

J- Pouco me recordo. Sei que tinha as caixinhas, botava barro dentro destas caixinhas, pisava o barro com os pés, depois botavam dentro das caixinhas. Para cozinhá-los não me lembro mais como que eles faziam.

C- Faziam um monte, bem colocados e depois tapava tudo ao redor de barro. Só que não cozinhavam todos parelhos.

A- Então eles colocavam tudo num monte?

C- É, depois faziam fogo por dentro e ia se cozinhando. Faziam assim.

J- Como eu estava dizendo, quando que me lembro, devia ter uns 4 ou 5 anos, a casa já estava feita.

A- Feita assim como ela está hoje?

J- Como é agora.

A- Não mudaram nada, não colocaram o reboco mais tarde, ou já tinha?

C- Nada, nada, nada.

J- O reboco deve ter sido feito quando construíram a casa.

A- As esquadrias das janelas também fizeram na época que construíram a casa?

J- Tudo, tudo.

A- Já tinha os vidros?

J- Tinha sim.

Serviço de ...../SEC

Proc. n. 34010/1986

Fl. 39 - 19.00/ MA

A- Quantas peças tinha essa casa?

J- As peças não sei te dizer quantas havia. Aqui era a cantina. Aqui estavam as pipas, aqui abaixo era a cozinha.

C- Na parte de cima botavam milho, como se fosse o paiol.

J- A cozinha era ali.

A- A cozinha não estava junto à casa?

J- Não. Não havia cozinha junto à casa. A cozinha era ali. Tinha um barraco ali.

C- Com um pouco de terra.

A- O que tinha dentro desta cozinha?

J- Faziam comida.

A- Como eles faziam a comida? Que fogão eles tinham?

J- Que fogão! Não existia fogão naquela época. Eles faziam um quadrado, alto assim, (aproximadamente 50 cm) colocavam tijolos ao redor e acendiam o fogo no meio.

A- Que nome davam a este fogão?

J- "Fogolar" (São diferentes denominações para o mesmo objeto,

C- "Larin" variam conforme os diferentes falares dialetais)

J- E para fazer a polenta prendiam uma corrente no teto e depois mexiam na panela. Muitos seguravam com a mão e outros encostavam a panela no muro.

C- Tinha um murinho na frente, o fogo bem encostado no murinho.

A- Ainda aqui perto, o que existia? Ouvi falar que tinha uma fábrica de pólvora?

C- Pertencia a essa casa aqui.

J- Mas a fábrica da pólvora era lá embaixo perto do rio.

A- De quem era essa fábrica?

J- Dos Veronese.

A- Quem trabalhava na fábrica?

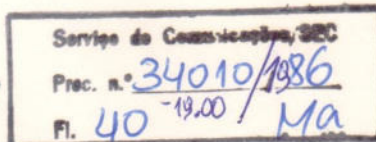
J- Bepi Veronese

A- Eles vendiam a pólvora ou era só...?

J- Não. Vendiam também.

C- Contruíam foguetes com o rabo.

J- Essa pólvora usavam para rachar pinheiros, fazer palanques de parreirais. Se fazia um buraco no tronco e lá colocavam a pólvora.



C- Se comercializava também a pólvora.

A- Nessa casa se fazia alguma festa, algum baile?

J- Aui também, muitas vezes.

A- Aonde?

J- Eles dançavam na parte superior da casa.

A- Festas de casamento também faziam aqui?

J- Sempre. Quase todos faziam as festas de casamento na sua própria casa.

A- Essa cantina foi feita para fazer vinho?

J- Sim. Só tinha aquela parte ali. Tinha poucos parreirais.

C- Nunca comprou uva, nunca negociou vinho, nada. O falecido velho tinha dois alambiques, destilava bagaço. Ia de casa em casa.

J- Para fazer o vinho esmagavam a uva com os pés. Tinha um quadrado com dois sarrafos assim, atravessados e esmagavam a uva com os pés.

A- Como chamavam esse equipamento?

J- A "mostarola".

A- Quem construiu essa casa?

J- Eles - os Veronese.

A- Só a família?

J- O velho Veronese e os filhos ajudaram.

A- Algum carpinteiro ajudou?

J- Não me lembro. Sei que ele dizia que foi ele, o Felicio, que a construiu.

A- Fizeram alguma planta para construir a casa ou começaram...?

J- Isso não sei com certeza.

C- Carregaram todo esse material à mão, daí do lado.

Tinha uma pedreira, tinha pedras assim. Trouxeram tudo a muque, à mão. Não foi com cavalo, nada.

A- Com que transportavam as pedras?

C- à mão com a padiola.

A- O que é a padiola?

J- Como isso aqui. Um caixote, colocam dois sarrafos, um de cada lado, e o transportam, carregando-o, um na frente, outro atrás.

A- Como eles cortavam as pedras?

J- Com mina dinamitavam e, depois, com a marreta, quebravam.

Serviço de Comissões/CC

Proc. n.º 34010/1986

Fl. 41 - 19.001 Ma

A- Seu João, aqui há um sinal de ter existido uma sacada. Essa casa tinha sacada?

J- Sim, sim.

Bertussi- Ali não tinha uma sacada? Aqui seria a estrebaria? Era de madeira?

J- Não, de pedra.

A- A estrebaria era ali, tudo junto?

J- Tudo junto.

A- Onde foram buscar as telhas?

J- Eu acho que as telhas eles mesmos fizeram.

A- Esse tipo de corredor por fora, o que era?

J- Saía em cima da janela. Ali tinha como um assoalho, era alto assim, com as ripas. Saíam aí para olhar.

A- E depois tiraram ou caiu?

J- Caiu. Ele apodreceu.

A- Em alguma outra parte da casa também tinha?

J- Não, só este. Esta era a porta principal. Tinha uma escada que subia.

Bertussi- Tinha uma escada aqui?

A- Sim, tinha uma escada. Era feita de que esta escada?

J- De madeira.

Bertussi- Aqui era a entrada principal?

J- E eles tinham a cozinha aí.

A- Era feita de que?

J- De pedra, igual a esta.

A- Era aberto ou tinha algum telhado para se chegar até lá?

J- Sim, tinha telhado. Aqui no meio tinha o corredor.

A- Este corredor então estava coberto?

J- Sim. Saíam de lá (da cozinha) e vinham dormir aqui.

Serviço de Comarca de São Paulo  
Proc. n.º 34010/1986  
Fl. 42 - 19.00 MA

S - 19.00  
E Pto 34010/1986  
Fl: 43 MU

A- Por favor, qual o seu nome completo?

C- Clementina Panizzon Ravizzoni

A- Qual a sua idade?

C- 86 e meio.

A- Quando a sra. irá completar 87?

C- Em janeiro, no dia 22.

A- Qual o nome do seu pai?

C- Carlo Panizzon

A- E da mãe?

C- Tereza Scorteganha Panizzon

A- Onde a sra. nasceu?

C- Eu nasci em Otávio Rocha. Morava na colonia onde mora o Galiotto. Lá perto do Felicio. Lá era nessa colonia. Lá, onde hoje pertence ao Smiderle era nosso. Nós morávamos lá embaixo, num buraco. Me lembro que nós vínhamos trabalhar aqui e eles estavam construindo a casa toda de pedra.

A- Foi o Veronese quem construiu?

C- Sim.

A- O que que tinha aqui nessa peça?

C- Não tinha ninguém morando aqui. Tinha que ir lá no Bastian, no Casagrande, no Marulo, os vizinhos.

A- Prá que que construíram então?

C- Prá eles morarem aí, a família. Mas os filhos estavam todos fora de casa estudando. Em casa só tinha os dois velhos e uma moça, o nome dela é Rosina. Ainda vive a Rosina Veronese. Os outros morreram todos.

A- A sra. lembra quando construíram essa casa?

C- Me lembro.

A- Quantos anos fazem?

C- Agora não lembro.

J- Eu calculo 78, 79 anos.

C- Sim, porque eu era menina pequena ainda.

J- Eu sei que a mãe disse que foi antes que eu nascesse, que ela morava aqui perto, que construíram. Foi antes que ela casasse. Ela casou em 1907 e aí já estava feita.

A- Nona, me conta então como era essa casa quando construíram,

como fizeram?

C- Não sei te dizer. Foi construída de pedra.

A- O que era aqui?

C- Aqui não tinha nada, só o corredor. A cantina era em cima e as pipas, as tinalhas (tina pequena para vinho) em cima, no sótão. Veja, aqueles Veronese tolos, colocavam as tinalhas e pipas no sótão. Rompiam com o assoalho.

Filha Clementina - Não precisava máquina para transvasar (passar o vinho de um recipiente para outro) então.

A- Por que as pipas foram colocadas na parte superior?

C- Porque eles eram tolos. Acho que para melhor transvasar o vinho.

Filha- Então não precisava máquina para transvasar, era só colocar uma mangueira e o vinho descia para a pipa que estava na parte de baixo, na cantina.

A- Quando a sra. casou a sra. veio morar aqui?

C- Sim, casei e vim morar aqui. Meu marido comprou aqui. Não sei se são duas colonias e meias ou três, por 31 cruzeiros.

A- Quando a sra. veio morar aqui, onde era a cozinha?

C- A cozinha era aqui.

A- Me mostra como era a cozinha?

C- Tinha uma vertente de água no canto da cozinha. Ela subia por cima dos tijolos. Imagina como se vivia bem!

A- Onde iam dormir? Na parte debaixo da casa ou de cima?

C- Na parte de cima. Subiam pela escada. Muitas vezes eu escapei dos negros porque tinha medo, subia aquela escada e fechava a porta, à chave.

J- Uma vez não tinha uma casinha ali? A cozinha não era ali fora?

C- Quando eu vim aqui não tinha nada ali, só um galpão para guardar a carroça.

A- Onde estava a mesa para as refeições?

C- Na cozinha tinha uma mesa. Aqui nessa sala tinha outra mesa. Naquela sala também tinha uma mesa. Haviam três mesas aqui.

A- O que havia aí nessa sala?

C- Aí também só havia uma mesa.

A- Onde sentavam?

-19.00 / 19  
Pr. 34010 / 86  
n. 44 MA

C- Havia cadeiras ebanças.

A- Para fazer as refeições usavam essas outras salas?

C- Nós sempre ficamos na cozinha.

A- Por que tinha tantas mesas?

C- Não sei.

A- Essas outras mesas não usavam?

C- Nós nunca usamos.

A- E quando tinha visita?

C- Na sala do lado havia uma mesa grande, bonita, de luxo, então se comia aí.

A- Qual o seu nome?

M- Maria Molon Galiotto

A- Sua idade?

M- 45 anos.

A- Qual o nome do seu esposo?

M- Sétimo Galiotto.

A- Quando a sra. veio morar?

M- Faz vinte anos.

A- A sra. comprou esta casa?

M- Sim, comprei.

A- A sra. morou nessa casa de pedra?

M- Sim, morei 5 anos.

A- Ela estava assim como hoje ou fizeram alguma reforma?

M- Só fizemos o corredor na frente e as "piletas" que tinha. Fizemos as "piletas" porque ele fêz vinho.

A estrabaria era mais alta e nós abaixamos. O forno também era mais alto e foi abaixado, porém deixamos no mesmo lugar. Depois construímos a casa aqui.

A- Por que construíram essa casa se já tinha aquela casa grande?

M- Porque nós tínhamos pouco dinheiro. Arrumar toda aquela casa era muito desconfortável. Tinha sempre que subir e descer as escadas. Então fizemos essa mais cômoda, e com menos dinheiro. Até os pedreiros diziam que não dava para rebocá-la porque as pedras são muito grandes e o reboco não grudava.

A- A sra. verificou se tinha conserto?

S	-19.00	40
Proc.	34010/1986	
Fl.	45	MA

M- Sim. Vieram os engenheiros de Antonio Prado e aí disseram que com menos dinheiro construiríamos a casa nova e mais cômoda.

A- Então acharam que não dava para arrumar?

M- Não. Depois tu vê, aí tinha a cantina e ultimamente não deixavam morar junto. Agora também não deixam. A cantina pode estar no lado da casa, porém não junto.

A- Ainda fazem vinho?

M- Não fizemos mais vinho agora, mas querendo daria para fazer porque ainda tem as "piletas" e máquina também temos.

A- Moravam na parte debaixo, onde tem a cozinha e na parte de cima tinham os quartos, da mesma forma que uma vez?

M- Sim, sim, tudo. Aí era o quarto das gurias.

Sandra- Embaixo?

M- Embaixo tinha a sala.

Sandra- Quais os móveis que tinha aí?

M- Tinha uma mesa e uma cristaleira. Do outro lado se guardava o milho para as vacas. Do outro lado também se guardava mantimentos. Na cozinha tinha o "fogolar".

Sandra- Na parte de cima da cantina o que vocês faziam?

M- Ali deixava só o lugar prá safra quando tinha que encaixotar a uva e servia de depóstio para as cestas.

Sandra- A sra. lembra quando o telhado começou a cair?

M- Bem, ainda estava vivo o falecido.

Sandra- Quando vocês chegaram aqui, que compraram, o telhado estava direito?

M- Sim. Tu viu a porta que nós temos ali, estava tudo bem.

S- Não aconteceu nada, que tivesse...?

M- Não.

S- Foi caindo assim?

M- Esses dias que veio um temporal, vento, eu ouvi um barulho, o que será, o que será... depois fui prá cima e vi que caiu aquele pedaço de madeira.

S- Quer dizer que quando a sra. veio prá cá a cantina não era assim, não tinha nada na cantina?

M- Não. Tinha pipa. Faziam vinho, até depois continuamos o vinho. Agora não tem nada porque vendemos todas as pipas, senão tinha

Serviço de Registro Civil - SEC

Proc. nº 34010/1986

Fl. 46 - 19.00

MA

CPHAE	
Proc. nº	34010-19.00/1986
Fl.	<del>47</del> - FL. 47 -

bastante pipas. Estava cheio também no outro lado. Vendi três pipas, ficou ainda uma.

S- Antes da sra. construir essa casa (casa nova) tinha algum galpão aqui?

M- Tinha um galpão, onde guardavam a carroça.

S- Era assim quando chegaram aqui nessa casa ou foram vocês que construíram?

M- Não. Já estava assim.

S- Aqui também tinha esse galpão?

M- Sim. O parreiral fomos nós fazer, porque ali não tinha parreiral só tinha pasto para as vacas. O outro parreiral estava feito nós só fizemos mais um pedaço.

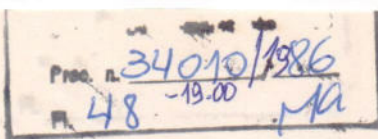
A- Agora vendem a uva?

M- A maioria vendemos encaixotada em Porto Alegre. Tenho meu filho que viaja. E o restante vendemos prá cantina.

Ser	SEC
Proc.	34010, 86
Fl.	47 MA



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL



CPHAE	
Proc. nº	.....
Fl.	<del>.....</del>

DOSSIÊ CASA DOS VERONESE - OTÁVIO ROCHA

- I. Apresentação: - como surgiu o trabalho (histórico)  
- a formação do grupo de trabalho  
- a metodologia
- II. Histórico do município (inclusive aspectos econômicos)
- III. Histórico do monumento (inclusive fotos antigas)
- IV. Levantamento fotográfico
- V. Levantamento físico-ambiental
- a) Geométrico:
01. situação e localização
  02. planta baixa pavimento térreo
  03. planta baixa primeiro pavimento
  04. planta baixa sótão
  05. planta de cobertura
  06. corte longitudinal
  07. corte transversal
  08. detalhe cobertura (1:20)
  09. detalhe fogolaro (1:20)
  10. detalhe escadas térreo e sótão
  11. portas do pavimento térreo
  12. portas do pavimento térreo
  13. janelas do pavimento térreo
  14. portas do 1º pavimento
  15. portas do 1º pavimento
  16. janelas do 1º pavimento



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Proc. n.º 34010/86  
Fl. 49 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~77~~ ~~78~~

b) De qualificação: (materiais, estado físico, cronologia, identificação dos compartimentos, superposições, anexos)

17. planta baixa térreo
18. planta baixa 1º pavimento
19. planta baixa sótão
20. planta de cobertura
21. fachadas

#### VI. Proposta de intervenção



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Proc. n. 34010/1986  
50 - 19.00/ MA

CPHAE  
Proc. n.º \_\_\_\_\_  
Fl. ~~17/18~~

ROTEIRO PARA LEVANTAMENTO

I- HISTÓRICO

OBJETIVO: Identificar o contexto sócio-cultural em que foi produzida a obra a ser restaurada, sua integração com a cidade e a paisagem urbana.

PROCEDIMENTOS:

- A. História suscinta do município, destacando, inclusive, aspectos econômicos.
- B. Histórico do Monumento.
  1. Data de construção;
  2. etapas de construção (datas);
  3. modificações sofridas através do tempo;
  4. identificação dos diferentes usos, de cada peça, através do tempo;
  5. identificação da distribuição do mobiliário em cada peça conforme usos;
  6. responsáveis pela construção da mesma (nomes e datas);
  7. Quem utilizou (nomes, datas);
  8. documentos de propriedade;
  9. obtenção de plantas de Projeto Arquitetônico e descrições junto a arquivos, cartórios e repartições públicas;
  10. iconografia.
- C. Entrevistas com informantes (contendo dados de identificação dos mesmos, incluindo nacionalidade) que conheçam a história evolutiva do Município e também do prédio em questão.



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Proc. n° 34010/1986  
Fl. 51 - 19.00 MA

CPHAE  
Proc. n° \_\_\_\_\_  
Fl. ~~11/11~~

## II - FÍSICO-AMBIENTAL

OBJETIVO: Obter registro fiel do Monumento enquanto documento histórico além de coletar dados referentes a estabilidade e saneamento da obra, e caracterizar seus elementos formais e construtivos, também registrados em plantas cadastrais de referência.

### PROCEDIMENTOS:

- A. Levantamento geométrico do Monumento: plani-altimétrico em escala 1:50 ou 1:100
- B. Plantas de qualificação assinalando sistemas construtivos, pisos, revestimentos, fornos, lesões estruturais, etc.
- C. Levantamento dos detalhes de maior importância em escala adequada.
- D. Registro fotográfico exaustivo assinalando em planta os pontos de tomadas das fotos.
- E. Memória descritiva do estado de conservação em que se encontra o monumento.
- F. Plantas cronológicas assinalando elementos primitivos que foram eliminados, épocas das várias partes do edifício, superposições e anexos.
- G. Plantas identificando o zoneamento interno original e adaptações subsequentes.
- H. Prospecções

## III- SÓCIO-FUNCIONAL

OBJETIVO: criação de critérios referentes à utilização do monumento e sua integração à vida social do Município, definindo o partido a ser adotado procurando compatibilizar a tipologia do edifício com as necessidades da co-



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

34010/1986  
Fl. 52-13.00/ MA

CPHAE  
Proc. nº \_\_\_\_\_  
Fl. ~~\_\_\_\_\_~~

comunidade quando da definição da nova função.

PROCEDIMENTOS:

- A. Promoção de ampla discussão com a comunidade e técnicos.

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE

Proc. nº

Fl.

Serviço de Computação SEC  
Proc. nº 34010/186  
Fl. 53 - 49.00 MG



PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
 ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
 PROJETO ECIRS

DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
 CASARÃO DOS VERONESE  
 OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
 Proc. nº 34010-19.00/1986  
 Fl. ~~53~~ 54

LEVANTAMENTO  
 GEOMETRICO

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO  
 PLANTA DE SITUAÇÃO

ESCALA 1 / 200 Nº PRANCHA

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE

Proc. nº 34010-13-00/1386

Fl. ~~55~~ 55

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

PLANTA BAIXA 1º PAVIMENTO

ESCALA

1 / 50

Nº PRANCHA

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

PLANTA BAIXA 2° PAVIMENTO

ESCALA

1 / 50

N° PRANCHA

CPHAE

Proc. nº 34010-19.00/1986

Fl. ~~53/26~~ 56

CII

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº 34010-19.00/1986  
Fl. ~~57~~ 57

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

PLANTA BAIXA SOTÃO

ESCALA

1 / 50

Nº PRANCHA

UCS

PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS

DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA  
LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

CORTE TRANSVERSAL  
DETALHE COBERTURA

ESCALA

1/50

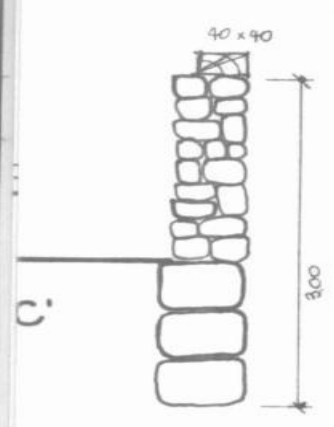
1/20

Nº PRANCHA

CPHAE

Proc. nº 34010-19.00/1986

Fl. ~~58~~ 58



UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL CASARÃO DOS VERONESE OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
 Proc. nº 34010-19.00/1986  
 Fl. ~~56/86~~ 59

LEVANTAMENTO GEOMETRICO

CORTE LONGITUDINAL  
 DETALHE ESCADA DO SOTÃO

ESCALA	1/50	Nº PRANCHA
	1/20	

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

PLANTA DE COBERTURA

ESCALA

1 / 50

Nº PRANCHA

CPHAE

Proc. nº 34010-19.00/1986

Fl. ~~60~~ 60

PRIMÃO  
PISO

Proc: 34010-19.00/1986

Fl: 61

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº 34010-19.00/1986  
Fl. ~~58/86~~ 61

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

PLANTA BAIXA, CORTE, DETALHES  
DA ESCADA

ESCALA

1/10

1/20

Nº PRANCHA

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

ELEVACÃO, CORTE TRANSVERSAL,  
CHAMINÉ - FOCOLARE

ESCALA

1 / 20

NºFRANCHA

CPHAE

Proc. nº 34010-19.00/1986

Fl. ~~59/86~~ 62

IGA DE  
TADEIRA

A DA PORTA

0,5 || 2,7 || 2,4 ||



UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

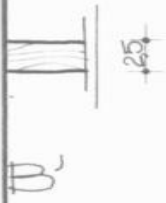
DETALH. ESQUADRIA PORTAS

ESCALA	1 / 2	Nº PRANCHA
	1 / 5	1 / 10

CPHAE

Proc. nº 34010-19.00/1986

Fl. ~~63~~ 63



UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
 ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
 PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
 CASARÃO DOS VERONESE  
 OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
 Proc. n.º 34010-19.00/1986  
 Fl. ~~1/86~~ 64

LEVANTAMENTO  
 GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA - PORTAS

Nº PRANCHA

ESCALA 1/2  
 1/5 1/10 1/20

PARTE BB,  
0.40

243

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA  
LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº 34010-19.00/1986  
Fi. ~~65~~ 65

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA - PORTAS

ESCALA	1 / 5	Nº PRANCHA
	1 / 10	

3A

2 PAREDE

5.

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
 ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
 PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA  
 LEVANTAMENTO CADASTRAL  
 CASARÃO DOS VERONESE  
 OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

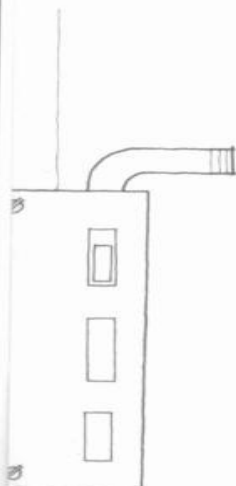
CPHAE  
 Proc. nº 34010-19.00/1986  
 Fl. ~~03/88~~ 66

LEVANTAMENTO  
 GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIAS - PORTAS  
 CABIDE DE PAREDE

ESCALA	1/2	Nº PRANCHA
	1/10	

ALCE 1  
FETA  
A 1/2



4.5



JANELA  
A EXTERNA  
ALA 1/2



2.5

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº 34010-19.00/1986  
Fl. ~~67~~ 67

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA - PORTAS

Nº PRANCHA

ESCALA 1/2

1/5 1/10 1/100

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA  
LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

CPHAE  
Proc. nº 34010-19.00/1986  
Fl. ~~15/18~~ 68

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA JANELAS

ESCALA

1 / 5

1 / 20

Nº PRANCHA



UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

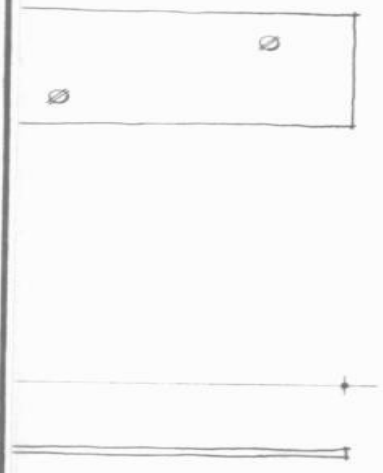
LEVANTAMENTO CADASTRAL CASARÃO DOS VERONESE OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

C PHAE  
 Proc. nº 34010-19.00/1986  
 Fl. ~~68~~ 69

LEVANTAMENTO GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA - JANELAS

ESCALA	1 / 2	Nº PRANCHA
	1 / 5	1 / 10

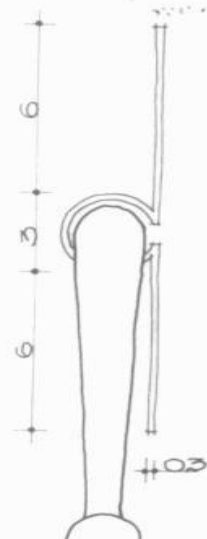


ALHE  
RADIGA  
1:2

3



1035



Serviço de Comunicação/SEC  
Proc. n.º 34010/86  
Fl. 70  
MA

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

PROC: 34010-19.00/1986  
FL: 70

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

DETALH. ESQUADRIA - PORTAS

ESCALA 1/2

Nº PRANCHA

UCS PROJETO ELEMENTOS CULTURAIS DAS ANTIGAS COLONIAS  
ITALIANAS NO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL  
PROJETO ECIRS

UFRGS DISCIPLINA ARQUITETURA BRASILEIRA

LEVANTAMENTO CADASTRAL  
CASARÃO DOS VERONESE  
OTAVIO ROCHA - FLORES DA CUNHA

LEVANTAMENTO  
GEOMETRICO

DETALHE DA SACADA - MÃO FRANCESA

ESCALA

1 / 1

Nº PRANCHA

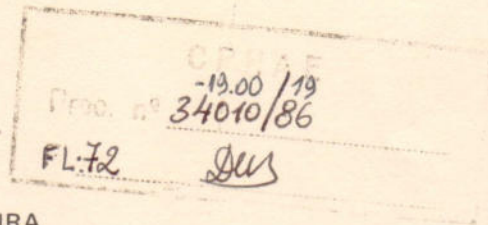
CPHAE

Proc. nº 34010-13.00/1986

Fl. ~~111~~ 71



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA



COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO DO ESTADO - CPHAE  
AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 352  
90030 - PORTO ALEGRE - RS

A Dra. ENI BARBOSA.

Para encaminhamento de Parecer Técnico.

Em 08 AGO 1986

José Albuquerque

## PARECER 08

Diante das petições encaminhadas, uma da Prefeitura Municipal e outra da Associação dos Amigos de Otávio Rocha e diante da intenção de transformar o dito imóvel em um centro cultural, ou uma pousada, o que deverá ser definido em contato com as autoridades municipais. Em qualquer hipótese está clara a intenção de preservação do imóvel e a mudança de sua atividade inicial. O prédio como tal, dentro de suas características iniciais e pelo seu histórico - foi a primeira fábrica de pólvora da região de colonização italiana -, tendo sido o início da indústria Veronese, atualmente sediada em Caxias do Sul.-. Assim pelo seu aspecto construtivo, pelo seu sentido histórico somos de opinião que o processo deve ter andamento com a promulgação do Ato Declaratório de interesse cultural. O processo está devidamente instruído dentro das normas estabelecidas por esta Coordenadoria para a petição inicial de tombamento.- de imóveis.-.....

Porto Alegre, 08 de agosto de 1986.

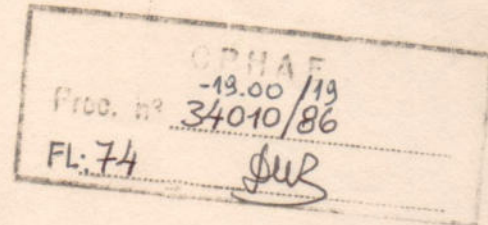


Eni Barbosa  
Historiógrafa.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO DO ESTADO - CPHAE

AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 352  
90030 - PORTO ALEGRE - RS



ATO DECLATÓRIO : Nº 01 / 86 - CPHAE

PROCESSO Nº 34010 - 19.00 . SEC - 1986

Assunto : Tombamento da "casa dos Veronese " em Flores da Cunha

Interessado : Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e,  
Associação dos Amigos de Otávio Rocha

O Coordenador da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, no uso de suas atribuições

**DECLARA**

Art. 1º.- De interesse cultural para fins de tombamento, diante das solicitações feitas pela Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e da Associação de Amigos de Otávio Rocha, o imóvel conhecido como "casa dos Veronese" , no distrito de Otávio Rocha em Flores da Cunha.

Art. 2º.- No caso de um Laudo Técnico com razões justificadas , vier a provar da impropriedade do tombamento, por não se configurar como bem cultural, esta Declaração perderá sua validade no momento do ato declatório da aceitação do referido Laudo.

Art. 3º.- Designa para efeito de estudos, pesquisa e laudos técnicos, assim como contatos com autoridades e acompanhamento dos projetos de utilização que se fizerem a:

Eduardo Martines..... - Arquiteto.

Flavia Boni Licht ... - Arquiteto.

Eni Barbosa ..... - Historiógrafo.

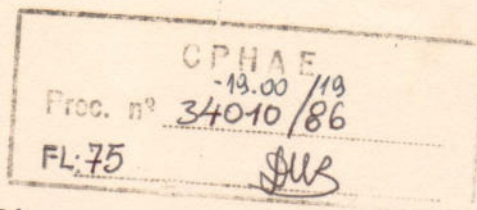
Fernando La Salvia .. - Arqueólogo.

para darem seqüência ao processo em questão.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO DO ESTADO - CPHAE

AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 352  
90030 - PORTO ALEGRE - RS



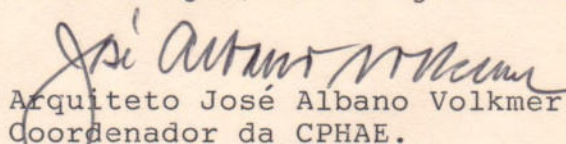
ATO DECLATÓRIO : Nº 01 / 86 - CPHAE

FLS. 02

Art. 4º .- Esta declaração tem a validade de cento e oitenta dias (180), a contar da data de sua assinatura.

Anexar ao Processo e comunicar aos interessados o presente Ato Declatório.

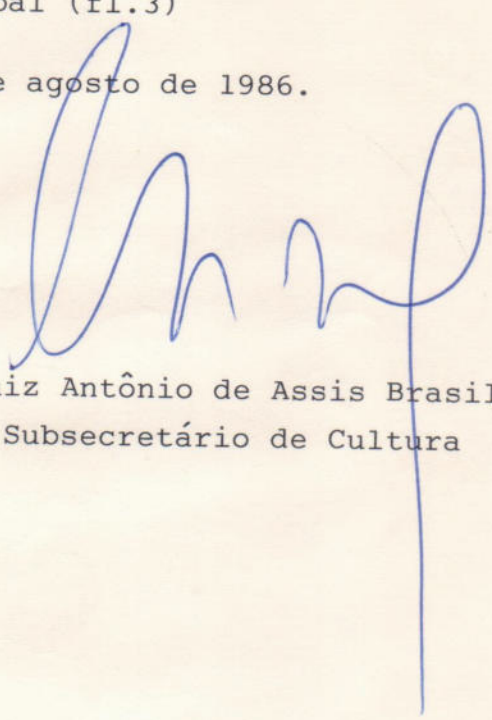
Porto Alegre, 11 de agosto de 1986.

  
Arquiteto José Albano Volkmer  
Coordenador da CPHAE.

Inf. nº 280/86

Ao gabinete do Sr. Secretário  
com vistas ao Conselho Estadual de  
Cultura, para estudos e parecer da  
Câmara de Patrimônio Histórico, visando  
do tombamento, conforme ofício do Sr.  
Prefeito Municipal (fl.3)

Em 28 de agosto de 1986.



Luiz Antônio de Assis Brasil  
Subsecretário de Cultura



Proc. nº 34010-19.00/86

Folha nº 77

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

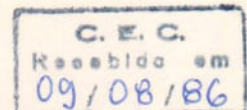
REQUERENTE: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha

ASSUNTO: Solicita tombamento do prédio denominado Casarão dos Veron-  
neses, em Otávio Rocha, 3º Distrito de Flores da Cunha.

Encaminhe-se ao Conselho Estadual de Cul-  
tura.

Em 08/9/86 .

Plácido Steffen,  
Secretário de Estado da Educação e Cultura.



DESIGNO RELATOR

Coordenador

Loytano

EL: 77-V



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCACAO E CULTURA

DESIGNO RELATOR

\_\_\_\_\_

Dante Loytano  
Coordenador

RECIBO  
02/08/80

DESIGNO RELATOR

\_\_\_\_\_

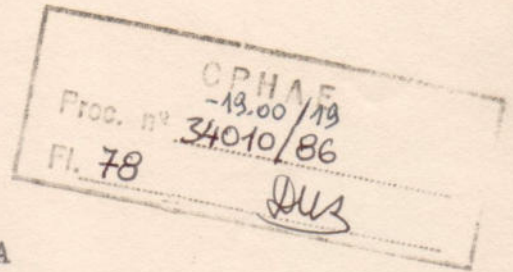
Coordenador

SECRETARIA



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO



PROCESSO Nº 66/86

PARECER Nº 766

A Câmara de Patrimônio Histórico do Colendo Conselho Estadual de Cultura vem, por intermédio deste, tomar a liberdade de levar ao seu conhecimento, para os devidos fins, a decisão que adotou em parecer do Processo da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, que solicita o tombamento do prédio denominado - CASA DOS VERONESES, situado no Distrito de OTÁVIO ROCHA.

Considerando que:

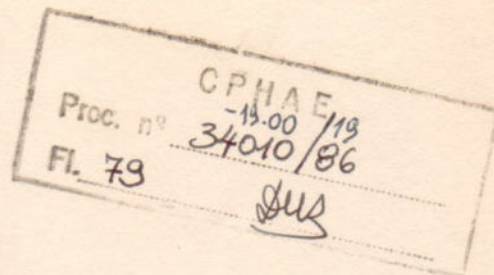
o respectivo Processo está devidamente -  
instruído, de forma excelente e completa,  
acolhendo provas das mais variadas nature-  
zas, tais como depoimentos, testemunhos,-  
relatos, artigos de imprensa, plantas, pa-  
receres diversos, etc.;

o antigo Travessão Marcolino Moura, nome-  
do Engenheiro encarregado da medição dos-  
lotes rurais, e cuja posse e colonização-  
iniciou-se em 1882 e, tendo em vista a -  
emancipação do distrito, então o mais prós-  
pero de Caxias, que era Nova Trento, que



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO



...fls. 02

se transformou em município independente em 17 de maio de 1924, por Decreto nº 3.320 assinado pelo Eminentíssimo Dr. Borges de Medeiros, Presidente do Estado e, em 17 de junho, também de 1924, o primeiro-Intendente do Novo Município de Nova Trento, cria o 3º Distrito de Nova Trento com o nome de Otávio Rocha, ilustre personalidade do mundo político e figura de grande prestígio na história nacional, que lutara pela emancipação de Nova Trento, transformar-se em município autônomo. Portanto, é uma comunidade que nasceu sob o signo da própria história este Distrito que leva o grande nome de Otávio Rocha;

o toque da própria história se faz sempre sentir no Município que passará a denominar-se - Flores da Cunha - em Decreto Municipal, nº 21 de 12.12.1935, no encerramento do ano do Centenário Farroupilha e a lembrança coincide com a epopéia da República Rio-Grandense e o Governo do Estado no ano do Centenário da Revolução de -



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

CPHAE  
- 19.00 / 19  
Proc. nº 34010/86  
FL. 80  
DeB

...fls. 03

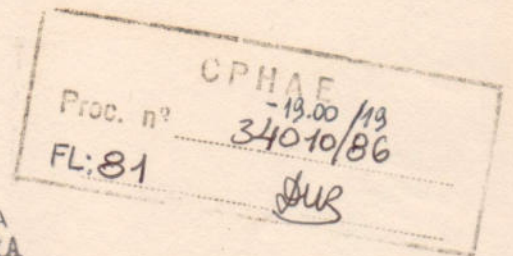
1835 estando no poder o General Flores - da Cunha, extraordinária personagem dos fatos e atos da política administrativa do país;

a inteligente pesquisa levantada pela - Sra. Nelly VERONESE Mascia, que a redigiu com imensa capacidade de avaliação - histórico-social e partiu para um brilhante exame nítido e atento das provas documentais escrevendo, como escreveu. E juntaram-se os respectivos artigos, uma série valiosa - "História de um Imigrante: Felice Veronese" e, além do mais figuram ainda neste processo numerosas entrevistas feitas na comunidade, que ocupam 30 páginas sob o papel dos Veroneses e dados ótimos vieram de tais informantes;

a modelar investigação que o historiador de vasta aptidão na interpretação dos acontecimentos do passado, que é Floriano Molon - autor de - "Otávio Rocha - Cem Anos de Vida Colonial" - Publicação do notável editor Rovílio Costa, -



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO



...fls. 04

pois neste livro estão estudados os Veroneses, sua genealogia, participação e influência e aí aparece um Albino Veronense em Otávio Rocha, então Travessão Marcolino Moura, com uma Fábrica de Pólvora e, - mais adiante, abre-se um parágrafo, o de nº 22, no capítulo das Histórias das Famílias de Otávio Rocha, para Felice Veronese, "que deixou registrada uma das mais - fascinantes histórias dos colonizadores - italianos" e a presença do casarão dos Veroneses no respaldo da manutenção da - memória histórica;

a admirável coleção de plantas, 19 plantas, da disciplina de Arquitetura Brasileira, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, - para um - Projeto de Elementos culturais das Antigas Colônias Italianas no Nordeste do Rio Grande do Sul, Projeto ECIRS - especificamente para um rigoroso, técnico e científico - Levantamento Cadastral do Casarão dos Veroneses em Otávio Rocha, município de Flores da Cunha. Uma verdadeira maravilha de estudo arquitetônico.-



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

CPHAE  
Proc. nº 34010/86  
FL: 82  
-13.00/19  
DUB

...fls. 05

Coordenado pela Profª. Cleodes Maria Piazza Júlio Ribeiro e o arquiteto Júlio N. B. - de Curtis, especialistas muito respeitados - e uma equipe, contando pesquisadores, fotografos e 10 (dez) estudantes, e destaque-se, com os merecidos elogios que tem direito a Universidade de Caxias do Sul.

E , assim, a Câmara de Patrimônio Histórico do colendo Conselho Estadual de Cultura - e, sem dúvida, dando caráter de prioridade, portanto de urgência, que se providencie - da forma legal, pelo TOMBAMENTO do - CASA - RÃO DOS VERONESES.

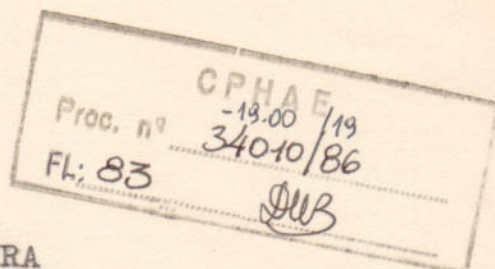
Era o que cabia informar.

Porto Alegre, 1º de outubro de 1986.

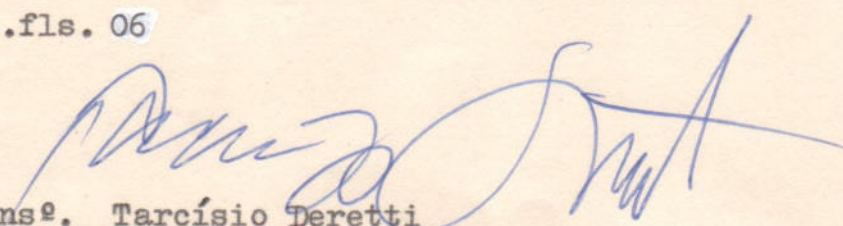
*Dante de Laytano*  
Cons. Dante de Laytano - Relator

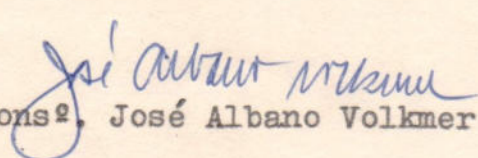


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
CÂMARA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO



...fls. 06

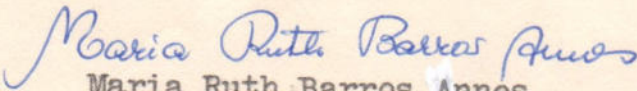
  
Cons<sup>o</sup>. Tarcísio Deretti

  
Cons<sup>o</sup>. José Albano Volkmer

Aprovado em reunião da Câmara de Patrimônio Histórico realizada dia 1<sup>o</sup> de outubro de 1986, conforme ata nº 194.

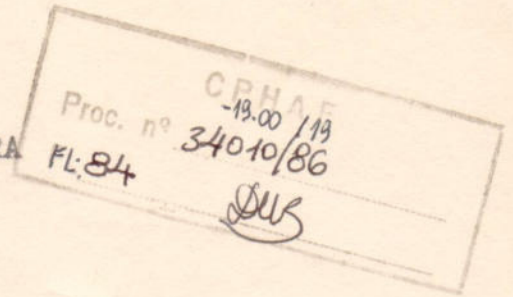
  
Secretária - Maria Ruth Barros Annes

Aprovado em Sessão Plenária realizada no dia -  
1<sup>o</sup> de outubro, conforme ata nº 860.

  
Maria Ruth Barros Annes  
Secretária Geral Substituta



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA



PROC. Nº 34010 - 19.00/86

PROC. CEC Nº 66/86

Atendendo a solicitação de fls. 76, retomamos o presente processo, com o Parecer nº 766, da Câmara de Patrimônio Histórico, aprovado em Sessão Plenária deste Conselho, no dia - 1º do mês de outubro, conforme Ata nº 860.

*Maria Ruth Barros Annes.*  
Maria Ruth Barros Annes

Secretária Geral Substituta

V-28:47



CPHAE  
-19.00/19  
Proc. nº 34010/86  
FL: 85  
DUS

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

SUBSECRETARIA DE CULTURA  
COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO DO ESTADO - CPHAE

AV. JÚLIO DE CASTILHOS, 352  
90080 - PORTO ALEGRE - RS

28.10.21

Memo Nº091/86-CPHAE Porto Alegre, 22 de outubro de 1986.

Para: Coordenador da CPHAE  
Para: Assessoria Técnica da CUSEC

Assunto: Formulção de Portaria e Publicação em D.O. Processo Nº 34010-19.00 - SEC - 1986.

Em anexo, estamos enviando o processo de nº 34010-19.00 - SEC -1986 - que solicita o Tombamento do Prédio denominado Casarão dos Veroneses, em Otávio Rocha 3º Distrito de Flores da Cunha.

Atenciosamente,

*Emi Barken*

Arq. JOSÉ ALBANO VOLKMER  
CREA Nº 6365 - D  
Coordenador da CPHAE

NG/ng



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Fl: 85  
Proj. n.º 34010/85  
19.00

Art. 1.º da Lei n.º 10.176/85, para providências

mensagens para publicação  
de portais 044/86

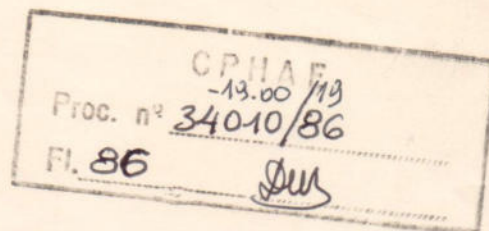
15.12.86

1 Henrique Amal  
AT / Weir

Coordenador de CPHE  
CREA Nº 8385 - D  
Ad. JOSE ALBANO VOLKMER



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
SUBSECRETARIA DE CULTURA



PORTARIA Nº 044/86

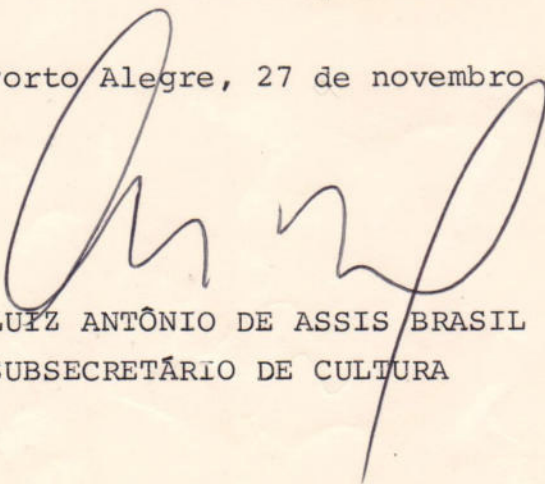
O SUBSECRETÁRIO DE CULTURA, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Boletim nº 95/86, publicado no Diário Oficial do Estado, de 07 de março de 1986,

R E S O L V E

Reconhecer como de interesse público, nos termos do artigo 1º da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937 e Parecer nº 766, de 1º de outubro de 1986, da Câmara de Patrimônio Histórico do Conselho Estadual de Cultura, por seu valor histórico e arquitetônico, o prédio denominado "Casarão dos Veronese", em Otávio Rocha, 3º Distrito de Flores da Cunha.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, ratifique-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico desta Subsecretaria e promova-se a averbação no Registro de Imóveis a que tocar.

Porto Alegre, 27 de novembro de 1986.



LUÍZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL  
SUBSECRETÁRIO DE CULTURA

PORTARIA 044/86

O SUBSECRETÁRIO DE CULTURA, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Boletim nº 95/86, publicado no Diário Oficial do Estado, de 07 de março de 1986.

R E S O L V E

Reconhecer como de interesse público, nos termos do artigo 1º da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937 e Parecer nº 766, de 1º de outubro de 1986, da Câmara de Patrimônio Histórico do Conselho Estadual de Cultura, por seu valor histórico e arquitetônico, o prédio denominado "Casarão dos Veronese", em Otávio Rocha, 3º Distrito de Flores da Cunha.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, ratifique-se e registre-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico desta Subsecretaria e promova-se a averbação no Registro de Imóveis a que tocar.

Porto Alegre, 27 de novembro de 1986.

Luiz Antônio de Assis Brasil  
Subsecretário de Cultura

D.O. 23.12.86  
p.14

## INFORMAÇÃO Nº 20/87

Informamos que este processo contém um Ato Declaratório designando uma equipe para estudo na casa dos Veroneses, onde consta nomes de técnicos da CPHE.

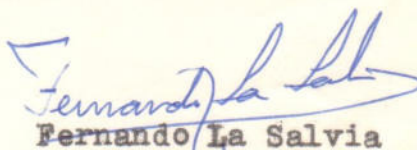
As razões que levaram este processo a ser encaminhado imediatamente ao Sr. Subsecretário de Cultura e posteriormente ao Conselho Estadual de Cultura; sem respaldo nos pareceres técnicos desta Coordenadoria fogem ao nosso conhecimento.

Porto Alegre, 23 de abril de 1987



Eni Barbosa

Mestre em História  
Historiadora e Arquivista

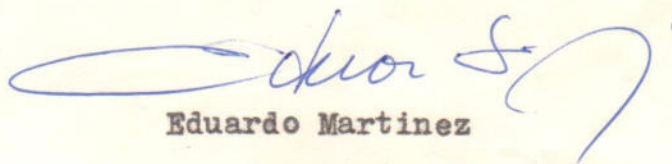


Fernando La Salvia

Professor e Arqueólogo

Flávia Boni Licht

Arquiteta



Eduardo Martinez

Arquiteto

As folhas (plantas) 51 até 68 estão na pasta da casa.  
69, 70 e 71 foram estraviadas antes das demais serem retiradas.

Porto Alegre, 26 de fevereiro de 1988.

*Cibele Piles Coutinho*

P.S. FOLHAS  
69, 70 E 71 FORAM ENCONTRADAS E INCORPORADAS NOVAMENTE  
NO PROCESSO;